

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Clara Aguiar Costa Bauer

Discursos sobre o feminino na obra *A Cidade das Damas* de Christine de Pizan
(França, século XV)

Porto Alegre
2024

CLARA AGUIAR COSTA BAUER

DISCURSOS SOBRE O FEMININO NA OBRA *A CIDADE DAS DAMAS* DE CHRISTINE
DE PIZAN (FRANÇA, SÉCULO XV)

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Igor Salomão Teixeira.

Porto Alegre

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Bauer, Clara Aguiar Costa
Discursos sobre o feminino na obra A Cidade das
Damas de Christine de Pizan (França, século XV) /
Clara Aguiar Costa Bauer. -- 2024.
67 f.
Orientador: Igor Salomão Teixeira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em
História, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. A Cidade das Damas. 2. Estudos de gênero. 3.
Mulheres escritoras. 4. Christine de Pizan. I.
Teixeira, Igor Salomão, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Aos meus avós, João Berlanda e Marisa Aguiar Costa

AGRADECIMENTOS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso representa o gesto final da minha formação em Licenciatura em História. É o último passo para que eu me torne aquilo que sempre admirei: uma professora. Portanto, não poderia começar essa seção sem agradecer à professora Luciane, por ter me ensinado as primeiras letras e ao professor Giovanni Bittencourt por ter me ensinado a ser Humana, com “h” maiúsculo.

Agradeço ao meu orientador, Igor Salomão Teixeira, por me ensinar a ser pesquisadora, professora, historiadora e medievalista em meio a aulas, reuniões e cafés. Adrielle, João, Andrei, Giulianna e William, meus amigos e colegas de pesquisa, agradeço a vocês por terem se tornado o exemplo daquilo que eu já sabia: a produção de conhecimento é uma produção coletiva.

Este trabalho (e toda minha trajetória acadêmica) é o acúmulo de todas as minhas relações familiares. Agradeço à minha mãe que me ensinou a ler “bala, boi, bico e bule”. Ao meu irmão que me estimulou de todas as formas possíveis a cultivar o dom da paciência. Ao meu tio, Alexandre, que foi exemplo para que eu ocupasse o espaço da universidade. À minha tia, Clarissa, que me ensinou sobre mols para que eu chegasse até aqui. À Dóris Alice, por termos forjado uma relação tão bonita e significativa.

Agradeço às minhas amigas de longa duração (como diria Braudel), Julia Soveral e Thalyse Schmalfluss, vocês são a família que escolhi ter e eu me orgulho muito da nossa relação. À Larissa Cardoso, por ter sido uma grande surpresa e uma excelente amiga. À Sofia Lorscheiter e à Thaís Stefani, pelo companheirismo ao longo da graduação. À Michelle Pértile pelo carinho e por ser meu exemplo. À Maria Julia por todas as trocas compartilhadas. Ao Fabricio Engelman, meu companheiro, por acreditar em mim nos momentos mais cruciais. Ao Johann Krey Karoly, pela parceria e o bom humor de sempre.

Agradeço aos meus alunos do Pepita de Leão, da Escola República Argentina e do Elmano Lauffer Leal por terem me dado a certeza da licenciatura todos os dias em que eu entrei na sala de aula.

Agradeço à Carlota Philippsen, minha psicóloga, por me ensinar, ao longo desse trabalho, que a produção acadêmica deve ser pensada como um processo criativo. A todos os profissionais que mantêm a Universidade Federal do Rio Grande do Sul funcionando. A todos os cachorros que transitam no Campus do Vale. Ao CNPq, pelo investimento na ciência. A todas as pessoas que defenderam a educação pública, gratuita e de qualidade.

Falei de como tinha tentado, desde sempre, a fim de me impôr, ser um homem na inteligência — percebi-me inventada pelos homens, colonizada por sua imaginação.

Elena Ferrante, *História da Menina Perdida*

RESUMO

Este trabalho analisa como Christine de Pizan (1363-1430) articula os significados associados ao feminino na sociedade francesa do século XV. O documento analisado é a obra *A Cidade das Damas* (1405). Buscamos reconhecer a produção literária feminina como um meio através do qual as mulheres puderam expressar suas perspectivas sobre o feminino. Essa análise se insere em um debate mais amplo a respeito da utilização do gênero como uma categoria analítica e flexível. Isto é, uma análise que possibilite a percepção de sistemas de negociações, reinterpretações e resistências nos termos de definição do feminino na sociedade medieval. Analisando a obra à luz do conceito de dialogismo, pretendemos entender como a categoria de mulher/feminino foi mobilizada por uma escritora que estava às margens do discurso que se pretendia hegemônico. As perguntas que orientam essa pesquisa são: Quais símbolos do feminino são construídos por Christine de Pizan? Quais significados são atribuídos a esses símbolos? Quais concepções de instituições generificadas são propostas pela autora? De que maneira Christine de Pizan generifica identidades historicamente específicas? Através desta análise, entendemos que somente através do resgate de obras escritas por mulheres poderemos identificar e avaliar a construção do gênero feminino de maneira flexível e dinâmica.

Palavras-chave: *A Cidade das Damas*; Estudos de gênero; Mulheres escritoras; Christine de Pizan;

ABSTRACT

This study examines how Christine de Pizan (1363-1430) articulates the meanings associated with the feminine in fifteenth-century French society. The document analyzed is *The Book of the City of Ladies* (1405). We aim to recognize the female literary production as a means through which women could express their perspectives on the feminine. This analysis fits into a broader debate regarding the use of gender as an analytical and flexible category. That is, an analysis that allows for the perception of systems of negotiations, reinterpretations, and resistances in terms of defining the feminine within the medieval society. Analyzing the work through the concept of dialogism, we seek to understand how the category of woman/feminine was utilized by a writer positioned in the margins of the discourse that aspired to be dominant. The questions that lead this research are: What symbols of the feminine are constructed by Christine de Pizan? What meanings are attributed to these symbols? What conceptions of gendered institutions are proposed by the author? In what way does Christine de Pizan genderize historically specific identities? Through this analysis, we understand that only by revisiting works written by women will we identify and contemplate the construction of the feminine gender in a flexible and dynamic manner.

Keywords: *The Book of the City of Ladies* ; Gender Studies; Women Writers; Christine de Pizan.

SUMÁRIO

Introdução	2
Christine de Pizan e A Cidade das Damas	3
Reflexões teórico-metodológicas	5
1. Considerações teóricas sobre o gênero no século XV	9
1.1. Christine de Pizan, uma mulher-escritora (1364-1431, França)	12
1.2 As mulheres da família Pastons, a gentry e o gênero (1403-1484, Inglaterra)	16
2. Os símbolos culturalmente disponíveis do feminino e seus conceitos normativos	21
2.2 Maria, a redentora	26
3. A Universidade medieval como uma instituição generificada	30
3.1 Os espaços femininos de produção de saber	30
3.2 A universidade medieval: institucionalização e os saberes relacionados ao feminino	33
3.3. A Capacidade Intelectual das Mulheres na obra A Cidade das Damas	36
4. O exemplum medieval e as identidades generificadas	40
4.1 O exempla medieval: contexto, características e objetivos	41
4.2 Giovanni Boccaccio e o De mulieribus claris	43
4.3 Christine de Pizan e as habitantes da Cidade das Damas	46
Considerações finais	51
Referências	55

Introdução

O presente trabalho de conclusão de curso analisa como Christine de Pizan (1363-1430) articula os significados associados ao feminino na sociedade francesa do século XV. O documento analisado é a obra *A Cidade das Damas* (1405). O objetivo central desta pesquisa é contribuir para uma compreensão das dinâmicas de gênero que caracterizaram o período medieval. Analisando a obra à luz do conceito de dialogismo, pretendemos entender como a categoria de mulher/feminino foi mobilizada por uma escritora que estava às margens do discurso que se pretendia hegemônico. Essa análise se insere em um debate mais amplo a respeito da utilização do gênero como uma categoria analítica e flexível. Isto é, uma análise que possibilite a percepção de sistemas de negociações, reinterpretações e resistências nos termos de definição do feminino na sociedade medieval. Para perceber tais negociações, propomos uma análise de *A Cidade das Damas* com o contraponto de outras obras do período medieval a partir de um cotejamento bibliográfico.

As perguntas que orientam essa pesquisa são: Quais símbolos do feminino são construídos por Christine de Pizan? Quais significados são atribuídos a esses símbolos? Quais concepções de instituições generificadas são propostas pela autora? De que maneira Christine de Pizan generifica identidades historicamente específicas? Essas questões foram construídas considerando os elementos inter-relacionados do gênero proposto por Joan Scott¹.

Buscamos reconhecer a produção literária feminina como um meio através do qual as mulheres puderam expressar suas perspectivas sobre o feminino. Essa abordagem é relevante na medida em que, neste trabalho, nos propomos a responder como uma mulher negociou, contestou e reforçou determinados elementos interrelacionados ao gênero. Nos dedicamos sobretudo a pensar a obra *A Cidade das Damas* como um diálogo com outras vozes sociais (clérigos, filósofos, poetas e moralistas) de modo a evidenciar um sistema de significação do gênero no contexto historicamente específico da França do século XV. Entendemos que, enquanto o discurso hegemônico prevalecente era o masculino, ao compor *A Cidade das Damas*, Christine de Pizan forjou uma narrativa às margens do discurso que divergia do modelo hegemônico.

¹ SCOTT, JOAN. Os usos e abusos do gênero. *Projeto História : Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*, 45, 2012, p. 24

Christine de Pizan e A Cidade das Damas

Christine de Pizan, nasceu em Veneza em 1363, filha de Tommaso di Benvenuto da Pizanno (1310-1387), renomado professor de astrologia na Universidade de Bolonha. Após a convocação do rei Carlos V da França (1338-1380) para que Tommaso compusesse seu conselho, Christine de Pizan e sua família estabeleceram-se na metrópole parisiense em 1365. Desta forma, Christine cresceu imersa na atmosfera da corte de Carlos V, um epicentro de efervescência cultural e intelectual². Posteriormente, casou-se com Etienne de Castel (1356-1390), secretário da chancelaria real, com quem teve três filhos.

O falecimento do rei Carlos V, em 1380, desencadeou um período de crise política na nobreza parisiense, agravando a instabilidade política na França. Durante esse tempo, a família de Christine enfrentou perdas significativas, com o óbito de seu pai, em 1387, seguido pela morte de seu marido, Etienne de Castel, apenas três anos depois, enquanto ele estava em missão a serviço do rei Carlos VI (1386-1422)³. Diante desse cenário, Christine de Pizan conseguiu não apenas prover seu próprio sustento, mas o de seus três filhos e de sua mãe como uma escritora profissional⁴. Ao longo de sua carreira literária, Christine estabeleceu importantes relações de patronato com figuras influentes da corte francesa, tais como a rainha Isabel de Baviera (1371-1453) e o Duque de Berry (1340-1416)⁵. Essas conexões com a elite cortesã não só garantiram sua subsistência, mas também consolidaram sua posição como uma autora influente na sociedade da época. Abordaremos mais considerações acerca da biografia de Christine de Pizan adiante, aprofundando a análise sobretudo acerca do processo de formação dessa mulher-escritora.

A obra *A Cidade das Damas* é organizada em três livros distintos: o primeiro relata o diálogo de Christine com a dama Razão, o segundo com a dama Retidão e o terceiro com a dama Justiça. Ao longo desses diálogos, as três damas empreendem a desconstrução dos discursos hegemônicos associados às mulheres, sustentando seus argumentos por meio de exemplos provenientes da história, da mitologia e da literatura.

A Cidade das Damas é uma alegoria escrita por Christine de Pizan em 1405, em francês médio. Seus enunciados tinham como objetivo incitar as mulheres, o principal

² WILLARD, Charity. *Christine de Pizan: her life and works*. New York: Persea Books, 1984, p.21

³ Ibid., p.39

⁴ Adotamos o termo "escritora profissional", neste contexto, como forma de nomear a dedicação integral de Christine de Pizan à atividade literária como fonte de renda e sua capacidade de sustentar sua família por meio de seu trabalho literário.

⁵ WILLARD, op.cit., p. 45

público-alvo da autora, a buscarem a virtude⁶. Ao longo da obra, a autora constrói uma visão alternativa do feminino, refutando os discursos misóginos que consideravam as mulheres como sujeitos inaptos ao uso da razão. A narrativa alegórica tem início com a ambientação do narrador-personagem em um espaço privado repleto de livros, assemelhando-se às bibliotecas associadas aos clérigos e aos eruditos masculinos. À medida que o narrador se dedica à leitura da obra *Les lamentations de Mathéolus*⁷, surge uma reflexão crítica sobre como o discurso hegemônico elabora enunciados distorcidos acerca da condição das mulheres. Somente após algumas passagens da obra *A Cidade das Damas*, descobrimos que o narrador é, na verdade, uma narradora, subvertendo a tradicional perspectiva masculina e revelando a agência feminina na construção deste ambiente literário.

Jane Chance oferece uma leitura das passagens iniciais da obra. A autora destaca a importância de compreender o ambiente de estudos repleto de livros como um espaço privilegiado de produção de conhecimento e predominantemente masculino⁸. Christine de Pizan, ao evidenciar o uso desse cenário por uma protagonista feminina, engendra uma narrativa alegórica que desafia as estruturas sociais.

Ao longo da obra de Christine, a narradora contempla sua própria vivência como mulher, juntamente com as experiências de outras mulheres que conhece, com o objetivo de tensionar os discursos hegemônicos:

Era quase impossível encontrar um texto moral, qualquer que fosse o autor, sem que, antes de terminar a leitura, não me deparasse com algum capítulo ou cláusula repreendendo as mulheres. Apenas essa razão, breve e simples fazia-me concluir que tudo isso havia de ser verdade, apesar do meu intelecto, na sua ingenuidade e ignorância, não conseguir reconhecer esses grandes defeitos em mim própria nem nas outras mulheres.⁹

Nesse processo, ela procura estabelecer autoridade não tanto a partir da erudição literária, mas da sua vivência. Assim, desafia a autoridade masculina tradicionalmente associada à erudição.

Essa passagem foi previamente analisada por Didier Lett. O historiador defende que a visão de Christine de Pizan estava em conformidade com os discursos que promoviam a

⁶ O texto será analisado a partir da tradução em língua portuguesa elaborada por Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne através do Manuscrito do Duque para sua tese de doutorado em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco. Ver: CHRISTINE DE PIZAN . *A Cidade das Damas*, Trad. e Apresentação de Luciana Eleonora de F. C. Deplagne. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2012.

⁷ A obra *Les Lamentations de Mathéolus* é um poema latino escrito no final do século XIII por Mathéolus. Em 1370 o poema se popularizou após a tradução de Jean Le Fèvre para o francês. Sendo essa tradução mais bem-sucedida do que o próprio original. Ao longo do texto constam enunciados contra as mulheres e o casamento, em uma obra que questiona a ilusão do amor e enfatiza a servidão conjugal sob a perspectiva masculina. in: BLOCH, Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro: Editora. 34, 1995, p.12

⁸ CHANCE, Jane. *The literary subversions of medieval women*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2007, p.12.

⁹ CHRISTINE DE PIZAN, op. cit, p.59

concepção da suposta inferioridade natural da mulher¹⁰. No entanto, discordamos dessa interpretação, dado que nossa perspectiva é que Christine de Pizan emprega a ironia¹¹ e outras estratégias retóricas como ferramentas de resistência aos enunciados misóginos¹². Ao reiterá-los, ela se apropria das palavras do outro e desloca sua significação.

Após contemplar sua vivência, Christine de Pizan é visitada pelas três damas que surgem em seu auxílio para contrapor a alienação provocada pelos discursos que difamaram as mulheres. Como pode ser evidenciado em

Foi então que a primeira das três damas, sorrindo, dirigiu-se a mim nestes termos: ‘Cara filha, não tenhas medo, não viemos aqui para te fazer mal, ou te prejudicar, mas para te consolar. Ficamos comovidas com teu desespero e queremos retirar-te dessa alienação.’¹³

Estas três damas, identificadas como Razão, Retidão e Justiça, são enviadas por Deus para auxiliar Christine na construção de uma cidade fortificada no Campo das Letras para salvaguardar as mulheres dos discursos difamatórios sobre o feminino. Razão, ao se apresentar portando um espelho, anuncia seu papel na construção do projeto: auxiliar no desenvolvimento das fundações da cidade. Retidão, que empunha um bastão, simbolizando a régua que demarca o limiar entre o bem e o mal, proclama que será responsável por auxiliar a erguer os edifícios da cidade. Por fim, Justiça, carregando uma taça de ouro, assume a incumbência de concluir e aperfeiçoar a cidade¹⁴. Ao longo dos capítulos, Christine, com auxílio das Damas recebe mulheres que se destacam por suas virtudes.

Reflexões teórico-metodológicas

Decidimos empreender uma análise da significação do feminino, tendo como foco a obra intitulada *A Cidade das Damas*. Esta escolha se fundamenta na nossa compreensão, em consonância com o argumento apresentado por Luciana Deplagne. Segundo a autora, as

¹⁰ LETT, Didier. Women victims of sexual assault and rape: evidence from the criminal records of Bologna (fourteenth-fifteenth centuries). *Clio, Women, Gender and History*. n.52, pp.45-70, 2020. Disponível em: <https://www.cairn-int.info/journal-clio-women-gender-history-2020-2-page-43.htm> Acesso: outubro de 2023

¹¹ Entendemos que a ironia no contexto medieval a ironia era percebida como uma consequência inevitável da condição humana. Para aquela época, a ironia era compreendida como uma forma de zombaria, mas essa zombaria provinha da perspectiva do Todo-Poderoso em relação à Sua Criação. Nesse sentido, o homem medieval, considerando-se irremediavelmente ignorante e com capacidades intelectuais limitadas, via a si mesmo como objeto de zombaria e, portanto, de ironia. Acerca da definição da ironia no período medieval e do seu uso como estratégia retórica por Christine de Pizan ver: TORACK, María Luisa Durán y Casahonda. “La ironía feminista de Christine de Pizan: algunos fragmentos de *Le Livre du Duc es Vrais Amants* (1404)” in: *Revista de Estudios de Artes, Cidade do México*, v.4, n.8, 2015. Disponível em: <https://nierika.iberro.mx/index.php/nierika/article/view/475>. Acesso em: outubro de 2023

¹² Sobre as estratégias de escrita mobilizadas por mulheres medievais ver: CHANCE, op.cit.

¹³ CHRISTINE DE PIZAN, op. cit, p.61

¹⁴ CHRISTINE DE PIZAN, op. cit, p.69

discussões sobre as relações de gênero na Idade Média só serão efetivas quando incorporarmos a análise de obras de autoria das mulheres. Durante o período medieval, os registros literários e religiosos, predominantemente de autoria masculina, sistematicamente significaram o feminino como uma categoria subjugada, sujeita a opressões e desprovida de qualquer dimensão histórica significativa¹⁵.

Ao nos debruçarmos sobre as obras produzidas por mulheres, somos confrontados com uma perspectiva notavelmente diferente da sociedade medieval, na qual as mulheres estão inseridas e não raras vezes detinham autoridade e influência na sociedade em que viviam¹⁶. Assim, pretendemos, através dos escritos de Christine de Pizan, contribuir para ampliar a compreensão sobre as dinâmicas de gênero na França do século XV.

Propomos uma análise da semântica¹⁷, isso é, que se atêm ao sentido das categorias que Christine de Pizan articula na construção dos significados associados ao feminino. Com esse propósito, utilizaremos do gênero como uma categoria analítica e do discurso em perspectiva dialógica. Visamos, assim, compreender o complexo sistema de construção do gênero que se desenvolvia tanto nos discursos dominantes¹⁸ acerca das mulheres quanto naqueles que os desafiavam, como é evidenciado na obra de Christine de Pizan.

Nossa abordagem é, portanto, fundamentada em uma visão crítica do conceito de gênero, alinhada à proposição teórica de Joan Scott. Portanto, entendemos, que o gênero

se mantém um conceito útil para análise crítica. Se pegarmos gênero como um guia não simplesmente como homens e mulheres têm sido definidos em relação ao outro, mas também que visões da ordem social estão sendo contestadas, sobrepostas, resistidas e defendidas nos termos de definições masculino/feminino, chegaremos a uma nova visão sobre as diversas sociedades, culturas, histórias e políticas que queremos investigar. Gênero se torna não um guia para categorias estatísticas de identidade sexuada, mas para a interação dinâmica da imaginação, regulação e transgressão nas sociedades e culturas que estudamos.¹⁹

Esta passagem contribui para a formulação da abordagem que adotamos em relação ao conceito de gênero: permitindo uma análise mais aprofundada dos sistemas de negociação, contestação e resistência no que se refere à construção do gênero.

¹⁵ DEPLAGNE, Luciane Calado. “A contribuição dos escritos de mulheres medievais para um pensar decolonial sobre a Idade Média”, in *Revista Signum*, Belo Horizonte, v.20, n.2, 2019, p.2 Disponível em: <http://www.abrem.org.br/revistas/index.php/signum/article/view/503/425> Acesso em: outubro de 2023

¹⁶ LIVINGSTONE, Amy. “Pour une révision du “mâle” Moyen Âge de Georges Duby (États-Unis)”. *Clio*, [s. l.], n. 8, 1998. pp.1-13, p. 6 Disponível em: <https://journals.openedition.org/clio/318> Acesso em: setembro de 2023

¹⁷ SILVA, Andreia Cristina da. Reflexões metodológicas sobre a análise do discurso em perspectiva histórica: paternidade, maternidade, santidade e gênero. *Cronos: Revista de História*, Pedro Leopoldo, n. 6, p.194-223, 2002, p.199

¹⁸ Por conta da viabilidade de execução desta pesquisa, optamos por acessar os discursos dos homens (ou seja, o dominante) acerca do feminino através de bibliografias secundárias. Mantendo como prioritária a leitura de *A Cidade das Damas*.

¹⁹ SCOTT, JOAN. *op.cit.*, 2012, p. 247

Nossa investigação em busca da compreensão dos significados associados ao feminino será direcionada pela exploração dos quatro elementos inter-relacionados que compõem o quadro conceitual de gênero proposto por Joan Scott. Esses elementos são, a saber

- (1) As representações simbólicas (e com frequência contraditórias);
- (2) Os conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos;
- (3) Uma concepção de política (uma referência a instituições e/ou organizações sociais);
- (4) A identidade subjetiva (as formas pelas quais as identidades generificadas são construídas).²⁰

Esses elementos se entrelaçam em uma rede complexa que desempenha um papel essencial em nossa compreensão das normas, política e identidade de gênero na sociedade. Portanto, nossa pesquisa abraçará esses componentes interconectados para uma análise abrangente e aprofundada das dinâmicas de gênero na época em questão.

Essa pesquisa também é orientada por considerações de Mikhail Bakhtin e os estudos acerca da filosofia da linguagem. Sobretudo, na compreensão da produção linguística como algo dialógico. Isto é, formado no processo de interação social e marcado por diferentes valores sociais. Entendemos que o discurso escrito:

[...] é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio etc. Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma fração de uma comunicação verbal ininterrupta.²¹

Esta abordagem em relação ao discurso é relevante na medida em que nos orienta na compreensão dos interdiscursos, manifesto nos enunciados que ora difamaram ora defendiam as mulheres. O dialogismo, isto é, a concepção de diferentes vozes que polemizam entre si, se complementam ou respondem umas às outras²², contribuirá para a compreensão do gênero como uma categoria flexível²³.

²⁰ Idem. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995, p. 86-88

²¹ BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1981, p.123

²² BARROS, Diana. "Dialogismo, polifonia e enunciação", in: BARROS, Diana, FIORIN, José (orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo, Edusp, 1999, p.4

²³ A análise das relações de gênero na Idade Média esteve tradicionalmente amparada na concepção foucaultiana de discurso. Esses estudos centravam-se na relação entre poder, discurso e conhecimento. Optamos pelo exercício teórico de utilizar a concepção Bakhtiniana de discurso uma vez que essa abordagem tem como primazia a interação social. Assim, permite compreender a natureza dialógica do significado acerca do feminino. Para análise de textos de autoria feminina à luz do conceito foucaultiano Ver: SILVA, Andreia Cristina da. Reflexões metodológicas sobre a análise do discurso em perspectiva histórica: paternidade, maternidade, santidade e gênero. *Cronos: Revista de História*, Pedro Leopoldo, n.6, p.194-223, 2002 e BARREIRO, Carolina. *Just Because I am a woman...: possibilidades de autoria para mulheres escritoras (Século XIV)*. 2019. 175 f.

A partir da noção da enunciação como um fenômeno de natureza social²⁴, podemos explicar como a categoria do feminino foi elaborada por diferentes visões de mundo. Sob essa perspectiva, reconhecemos que os argumentos em defesa das mulheres formulados por Christine de Pizan estão intrinsecamente ligados à negociação e ao tensionamento da visão hegemônica. Em última análise, entendemos a produção dessa autora como uma resposta a tais discursos.

Este trabalho de conclusão de curso está estruturado em quatro capítulos. O primeiro capítulo analisa estudos de gênero aplicados à da Idade Média. Neste mesmo capítulo também é analisada a trajetória de formação de Christine de Pizan e, a partir das contribuições de Carolina Barreiro, as enunciações femininas na Inglaterra do século XV. No segundo capítulo, investigamos os símbolos femininos de Eva e Maria, examinando os processos de significação atribuídos a eles por diferentes vozes sociais. Abordamos, desse modo, os dois primeiros elementos inter-relacionados do conceito de gênero. O terceiro capítulo se concentra na análise da generificação da universidade medieval como o terceiro marcador de gênero na obra de Christine de Pizan. Por fim, o quarto capítulo examina como Christine de Pizan utiliza dos *exempla* para construir identidades femininas alternativas às narrativas misóginas da época, em conformidade com o último elemento inter-relacionado de gênero proposto por Joan Scott.

1. Considerações teóricas sobre o gênero no século XV

A categoria de gênero foi mobilizada pela primeira vez na década de 1970 para explicar as diferenças culturais e comportamentais associadas aos corpos masculinos e femininos. Nesse cenário, o "sexo"/corpo, entendido como um dado biológico, foi usado pelas feministas como base para a construção e consolidação dos significados culturais. Esse uso da categoria se demonstrou insuficiente ao reduzir as experiências femininas à mera manifestação dos eventos fisiológicos do corpo. Assim, a socióloga Linda Nicholson propôs uma nova abordagem do conceito de gênero, sobretudo para ser mobilizado na compreensão do “ser mulher”. Para a teórica, o corpo não deve ser negligenciado, mas considerado como uma das variáveis historicamente específicas²⁵.

A apropriação da categoria de gênero na disciplina histórica foi na década seguinte. Foi a historiadora Joan Scott quem desempenhou um papel pioneiro na reflexão sobre o conceito em seu trabalho intitulado *Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica*²⁶. Sua contribuição, semelhante à de Linda Nicholson, sustentou que o gênero não é uma categoria estática e que deve ser compreendido dentro de uma abordagem historista. Para Scott, o conceito de gênero

[...] abriu todo um conjunto de questões analíticas sobre como e em que condições diferentes papéis e funções haviam sido definidos para cada sexo. como os próprios sentidos das categorias “homem” e “mulher” variavam de acordo com a época, o contexto e local [...]²⁷

Ao integrar essa perspectiva na abordagem histórica, a compreensão das categorias de gênero se aprofundou de maneira notável. A historiografia, ao abraçar a dinâmica e a mutabilidade dessas categorias, permitiu uma análise mais refinada da historicidade e contextual das identidades "mulher" e "homem". Nesse sentido, a contribuição de Scott não apenas enriqueceu o campo da pesquisa de gênero, mas também incentivou uma reflexão mais crítica sobre como essas categorias são construídas e reinterpretadas ao longo do tempo.

Em 1995, a Prof^a. Dr^a. Dulce Oliveira Amarante dos Santos introduziu a categoria "gênero" em sua análise do contexto medieval²⁸, o que provocou uma transformação significativa nos estudos da Idade Média no Brasil. A partir desse marco, a possibilidade de

²⁵ NICHOLSON, Linda. “Interpretando o gênero”. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, 2000 [1999], vol. 8, n. 2, p.36

²⁶ SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. *Revista Educação e Realidade*, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

²⁷ Id. “Gênero: ainda é uma categoria útil?”. *Albuquerque: Revista de história*, v. 13, n. 26, p. 177-186, 28 dez. 2021, p.180

²⁸ SANTOS, Dulce. O. Amarantes dos. *Imagens de mulheres nos reinos ibéricos de Leão, Castela e Portugal (1250-1350)*. in: Encontro internacional de Estudos Medievais. *Atas...* São Paulo: USP-UNICAMP-UNESP, 1995, p.157-160

utilizar o gênero como uma categoria de análise crítica para o estudo do período medieval foi defendida por Andreia Cristina Lopes Frazão da Silva²⁹. A historiadora defendeu que, embora a diferença sexual possa se manifestar de maneiras diversas, essa dimensão permanece como um aspecto central na organização social da Idade Média e, portanto, merece investigação detalhada.

O historiador Thomas Laqueur elucidou as concepções da diferenciação entre os sexos ao longo da história, o que contribuiu significativamente para a reflexão sobre a categoria de gênero no contexto historicamente específico da Idade Média. Ao analisar os discursos sobre o corpo, a fisiologia reprodutiva e as relações entre os sexos, Laqueur identificou que nesse período, o gênero era uma categoria primária, enquanto o sexo deve ser entendido como um epifenômeno³⁰. Nesse contexto, ser homem ou ser mulher significava manter uma determinada posição social, uma categoria sociológica³¹. Assim, de acordo com Laqueur, no período medieval havia um sexo/corpo ao qual se atribuíam dois gêneros: o masculino e o feminino.

Os gêneros masculinos e femininos eram classificados conforme o grau de perfeição metafísica. Portanto, versões hierárquicas e verticalmente ordenadas de um sexo único em que a causa final era masculina³². Nessa concepção, os limites entre o masculino e feminino eram reflexos menos do fato biológico do que das dinâmicas de poder e legitimidade³³. Laqueur propôs isso ao analisar a interpretação de Galeno de que as mulheres possuíam órgãos idênticos aos dos homens, embora em configuração invertida. Para o historiador, essa reivindicação sobre o corpo usava da anatomia enquanto uma estratégia representativa para legitimar uma verdade cultural: o padrão humano como o masculino³⁴. Em suma, o autor argumentou que qualquer afirmação acerca do sexo já continha intrinsecamente uma assertiva concernente ao gênero, destacando a interligação profunda entre essas duas categorias.

A filósofa estadunidense Prudence Allen desenvolveu o conceito de Política Sexual para analisar as dinâmicas de poder que permearam as relações entre homens e mulheres durante a Idade Média. Através dessa conceituação, tornou-se possível identificar três tendências distintas no que concerne à diferenciação dos gêneros ao longo desse período

²⁹ FRAZÃO DA SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. “Considerações sobre o uso da categoria gênero nos estudos sobre o medieval”, *Signum*, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 11–23, 2020. Disponível em: <http://www.abrem.org.br/revistas/index.php/signum/article/view/497>. Acesso em: dezembro de 2023

³⁰ LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio De Janeiro: Relume-Dumará, 2001, p.19

³¹ *Ibid.*, p. 177

³² *Ibid.*, p.17

³³ *Ibid.*, p.69-70

³⁴ *Ibid.*, p.75.

histórico³⁵. No século XII e na primeira metade do século XIII, emergiu a primeira teoria, referente à complementaridade dos sexos, caracterizada pela ênfase na distinção entre homens e mulheres, ainda que não houvesse a imposição de hierarquias estritas entre eles. Na segunda metade do século XIII, a segunda teoria era caracterizada pela polarização dos sexos e ganhou proeminência ao promover um distanciamento significativo entre os gêneros e estabelecer um binarismo polarizado. Por fim, a tendência mais notável para o escopo do nosso estudo, situada no final do século XIV e no início do século XV, é a teoria da unidade dos sexos, a terceira e última tendência proposta por Prudence Allen.

A historiadora María Milagros Rivera, ao empregar a teoria da unidade dos sexos proposta por Allen, ressalta a significativa influência do Humanismo em conjunto com o Renascimento na promoção da tendência de diferenciação dos gêneros³⁶. Segundo essa teoria, o Renascimento concebe a humanidade como uma entidade unificada. No entanto, a formação dessa unidade é permeada pela construção de um ser humano universal que se manifesta predominantemente através do masculino³⁷. O homem, no século XV, era o referencial universal.

Em sua tese de doutorado a historiadora Carolina Barreiro teceu considerações acerca das concepções da diferenciação entre os sexos elaboradas por Thomas Laqueur. Para Barreiro, é importante considerarmos que as fontes utilizadas pelo historiador para a construção da teoria do sexo único durante o período medieval são um *corpora* documentais de autoria inteiramente masculina³⁸. Assim, a abordagem do autor não permite perceber como as categorias do masculino e do feminino são representadas a partir da negociação por diferentes sujeitos. De modo semelhante ao que fez Laqueur, Prudence Allen analisa as relações de poder entre homens e mulheres ao longo da Idade Média a partir de textos de filósofos homens. Assim, necessitamos buscar fontes de autoria feminina que permitam a identificação de contradições, negociações e desestabilizações nos discursos acerca da diferença sexual.

Quem produziu o conhecimento que sabemos sobre o período medieval? Quais foram as fontes? Por que determinadas fontes foram silenciadas?³⁹ Essas são as considerações que

³⁵ PRUDENCE, ALLEN. *The concept of women: The aristotelian revolution 750 B.C. - A.D. 1250* Montreal: Eden Press, 1985, p.330

³⁶ GARRETAS, María-Milagros. *La diferencia sexual en la historia*. Valência: Publicacions de la Universitat de València, 2005, p.99

³⁷Ibid. p.100

³⁸BARREIRO, Carolina. *Desestabilizando gêneros: a construção fluida da identidade de gênero por mulheres da família Paston no século XV (Inglaterra)*. 2023. 326 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2023.p. 69

³⁹ DEPLAGNE, Luciane Calado. “A contribuição dos escritos de mulheres medievais para um pensar decolonial sobre a Idade Média”, in *Revista Signum*, Belo Horizonte, v.20, n.2, 2019, p.26

orientam a produção de Luciana Deplagne, que entende que as relações de gênero da Idade Média devem ser construídas a partir do resgate das vozes femininas⁴⁰.

Para tanto, propomos, neste capítulo, analisar brevemente como mulheres do século XV representaram o gênero feminino. Assim, construiremos considerações teóricas mais precisas acerca do gênero nesse contexto historicamente específico. Na primeira parte do capítulo, nos dedicamos à análise da trajetória de Christine de Pizan como uma mulher-escritora e sua concepção do feminino. Na segunda, a partir das contribuições de Carolina Barreiro, analisamos a trajetória das mulheres da família Paston e também como elas atribuíram significado ao feminino

1.1. Christine de Pizan, uma mulher-escritora (1364-1431, França)

A análise do pensamento de Christine de Pizan assume uma relevância particular ao ser contextualizada no ambiente intelectual da França do século XV. Nesse sentido, direcionamos nossa investigação para compreender como a autora não apenas se inseriu nos domínios do conhecimento da época, mas como, por meio desse posicionamento, engendrou um sistema alternativo de significação do gênero feminino. Assim, nesta seção apresentamos considerações adicionais sobre a biografia de Christine de Pizan, destacando informações que contribuem para a compreensão dela como uma mulher-escritora.

Os principais espaços de construção do saber feminino durante os séculos V ao X foram os conventos, as comunidades místicas e os beguinários⁴¹. No entanto, é notável que Christine de Pizan, no século XV ocupava uma posição singular, inserida no meio laico medieval⁴² e, conseqüentemente, excluída desses locais tradicionais de desenvolvimento intelectual feminino. Segundo a análise de Ana Rieger Schmidt, a formação educacional de Christine estava predominantemente vinculada à prática da tutela, um padrão entre as filhas da aristocracia. Em linhas gerais, mulheres que circulavam nos círculos da corte tinham

⁴⁰ DEPLAGNE, Luciana Calado “Vozes femininas da Idade Média: Auto-representação, corpo e relações de gênero”. In: Fazendo Gênero, 8, Anais, Florianópolis. 2008 Disponível em: https://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST70/Luciana_Calado_Deplagne_70.pdf Acesso em: Dezembro de 2023, p.1

⁴¹ WEMPLE, Suzanne. “As mulheres do século V ao século X” in: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente: Volume 2 - A Idade Média*. Porto: Edições Afrontamento. 1998, p.261

⁴² Utilizamos aqui o termo laico de acordo com a definição proposta por Ana Rieger Schmidt “[...] nesse contexto, o termo *laicus* se limita àqueles que não concluíram os estudos nas faculdades de artes ou de teologia” in: SCHMIDT, Ana Rieger. “Christine de Pizan e o humanismo francês: elementos para contextualização histórica” in: *Dois Pontos*, Curitiba, v. 18, n.1, 2021, p.248 Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/doisPontos/article/view/71979>. Acesso em: outubro de 2023

acesso à educação formal, como foi o caso de Christine de Pizan, filha do astrólogo da Corte de Carlos V⁴³.

As informações sobre o letramento de Christine são escassas, limitando-se principalmente ao que ela mesma relatou. Em um trecho de sua obra *A Cidade das Damas*, a personagem Dama Retidão enfatiza o apoio essencial de seu pai, Tommaso da Pizanno, em sua formação como escritora, desafiando a concepção tradicional de que as mulheres eram menos capazes de adquirir conhecimento científico:

Teu pai, foi um grande astrônomo e filósofo, não pensava, claro que as mulheres fossem menos capazes de aprender o saber científico. Ele se alegrava, ao contrário, sabe bem, em ver teu dom para as Letras.⁴⁴

O excerto evidencia que seu pai, um respeitado astrônomo formado na Universidade de Bolonha, não subestimava as capacidades intelectuais das mulheres, mas, ao contrário, reconhecia em Christine o dom para as Letras. A influência de Étienne de Castel, secretário da chancelaria real e marido de Christine de Pizan, também foi importante para sua formação como uma mulher de saber. Uma análise dos manuscritos de Christine, conduzida por Gilbert Ouy, Christine Reno e Inês Villela-Petit⁴⁵, revelou que Étienne desempenhou um papel crucial ao ensinar a arte da caligrafia a Christine. Isso é evidenciado pela semelhança entre a caligrafia utilizada nos manuscritos autógrafos da autora e aquela típica da chancelaria real.

A Biblioteca do Louvre teve uma influência marcante no desenvolvimento de Christine de Pizan como escritora, uma trajetória que foi facilitada pela sua amizade com Gilles Mallet (?-1411), o guardião da biblioteca real.⁴⁶ Com um acervo de 836 volumes, esta biblioteca era o terceiro repositório mais importante de livros no Ocidente, sendo superada apenas pela biblioteca papal em Avignon, que contava com 1300 volumes em 1375, e pela Sorbonne em Paris, que possuía 1720 volumes em 1338⁴⁷. Naquele acervo, encontravam-se diversas traduções encomendadas por Carlos V a Oresme, parte de um projeto destinado a valorizar a língua vulgar como veículo do conhecimento. Esses livros proporcionaram a Christine acesso a traduções de obras clássicas, como *A Política* de Aristóteles⁴⁸. Portanto, do

⁴³ Id., Algumas chaves de leitura para a Cidade das Damas de Christine de Pizan. In: XVIII Semana Acadêmica do PPG em Filosofia da PUCRS, 2018, Porto Alegre. XVIII Semana Acadêmica do PPG em Filosofia da PUCRS. Porto Alegre: Editora Fi, 2018, p.16

⁴⁴ CHRISTINE DE PIZAN . *op.cit* p.226-227

⁴⁵ OUY, Gilbert; RENO, Christine; VILLELA-PETIT, Inês. *Album Christine de Pizan*. Turnhout: Brepols, 2012. p.25

⁴⁶ WILLARD, Charity. *Christine de Pizan: her life and works*. New York,: Persea Books, 1984. p.42

⁴⁷ SCHMIDT, Ana Rieger, *op.cit.* 2021, p.251

⁴⁸ WILLARD, Charity. *op. cit.* p.21

acesso à biblioteca real ao aprendizado da arte da caligrafia, o percurso educativo de Christine de Pizan foi mediado pela presença masculina.

A carreira de Christine de Pizan como uma mulher-escritora iniciou em 1399, com a publicação de *Livre des Cent Balades*, uma obra poética. Dentro do seu escopo de produção encontram-se não só poemas, mas também tratados de educação, morais e políticos e biografias reais. Contudo, o momento de inflexão de sua carreira foi a *Querelle des Femmes*, através da qual Christine de Pizan passou a escrever em prosa sobre uma das suas maiores preocupações: a defesa das mulheres contra ataques misóginos⁴⁹. Esta preocupação encontra sua expressão também na obra *A Cidade das Damas*.

O debate literário conhecido como *Querelle des Femmes* teve origem em 1401 quando o humanista Jean de Montreuil (1354-1418) enviou à Christine de Pizan (1363-1430) uma cópia de seu tratado no qual elogiava Jean de Meun (1240-1305)⁵⁰ e sua obra o *Roman de la Rose*⁵¹. Durante os dois anos subsequentes, uma série de epístolas foram trocadas entre os defensores e críticos de Jean de Meun. Aqueles que criticavam o romance eram sobretudo Christine de Pizan, mulher das letras, e Jean Gerson (1363-1429), chanceler da Universidade de Paris. Os dois secretários do rei Carlos VI, Jean de Montreuil e Gontier Col (1350-1418), somados ao cônego de Notre-Dame Paris, Pierre Col, elogiavam a obra Jean de Meun. Ao longo das epístolas trocadas, evidencia-se uma dialética⁵² acerca da natureza feminina: se, por um lado, argumentos foram desenvolvidos em defesa às mulheres, por outro lado, havia argumentação construída de forma a difamá-las⁵³.

⁴⁹ WILLARD, op.cit, p.86

⁵⁰ GREENE, Virginie. “Le débat sur le Roman de la Rose comme document d’histoire littéraire et morale” *Cahiers de recherches médiévales et humanistes*, n. 14, 2007. pp.297-311,p.299Disponível em: <https://journals.openedition.org/crm/2586?file=1> Acesso em: outubro de 2023.

⁵¹ O *Roman de la Rose* constitui uma obra poética e alegórica composta na França entre 1230 e 1278. A primeira parte do romance é atribuída a Guillaume de Lorris, onde o enredo é centrado na busca do protagonista pela Rosa, representante do amor e do desejo. Consoante à tradição do Amor Cortês, a obra é caracterizada por um enfoque na idealização do amor e das relações amorosas, o poema permaneceu inacabado, com aproximadamente 4.000 versos. Posteriormente foi completado por Jean de Meun. A contribuição de Meun à obra consistiu em acrescentar aproximadamente 19.000 versos críticos em relação à cultura cortesã da época. Incorporou também elementos misóginos de modo a questionar a natureza das mulheres e a noção de virtude feminina ao longo do romance. Ver: DUBY, Georges. “O Roman de la Rose”, in: *Idade Média: Idade dos homens*. Companhia das Letras: São Paulo, 1990, pp. 67.

⁵² Entendemos a dialética a partir do conceito Bakhtiniano em que “o movimento da dialética acontece na interação dialógica e produz como síntese a imagem de totalidade do indivíduo sobre o outro, acabamento”. ARAÚJO, P. C. A dialética e o acabamento estético no dialogismo de Bakhtin. *Revista Húmus, [S. l.]*, v. 10, n. 30, 2020, p.192. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/14260>. Acesso em: 3 fev. 2024.

⁵³ DEPLAGNE, Luciana Calado. “Querelle des Femmes: Mapeamento em Português”, in *Blog de Ciência da Univerisade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, 2021*, disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/querelle-des-femmes-mapeamento-em-portugues/>, Acesso em outubro de 2023

A partir de sua participação nesse debate, a autora passou a produzir textos contra a misoginia existente na época, produzindo discursos que evidenciavam a moral feminina⁵⁴. Ao ocupar o espaço da escrita, tradicionalmente reservado aos homens, Christine de Pizan desestabilizou as representações misóginas do feminino no terreno masculino da Literatura. Em geral, sua produção literária pode ser compreendida como uma resposta às vozes sociais e visões de mundo que difamavam as mulheres.

Assim, em *A Cidade das Damas*, a partir das percepções tradicionais negativas associadas às mulheres, Christine de Pizan constrói um discurso alternativo, exaltando as virtudes e as contribuições das mulheres à sociedade. Para isso, a autora expõe os discursos misóginos, como em

Dama, agora sei realmente e percebi, outrora que grandes são o amor e a fidelidade que muitas mulheres dedicam aos seus maridos. Por isso fiquei estupefada com a opinião tão comum entre os homens - e até o mestre Jean Meun afirma, repetidamente em seu *Roman de la Rose*, assim como outros autores também, que o homem não deve contar nenhum segredo à sua mulher, pois elas não sabem ficar caladas.⁵⁵

Ao expor esse argumento detrator das mulheres, Christine de Pizan retoma o topos da mulher faladora recorrente no período medieval que relacionava a fala da mulher ao desvio e ao excesso. Essa percepção nasce da leitura do diálogo de Eva, como a mulher que, através da fala gerou a discórdia entre a humanidade e Deus⁵⁶. Através dessa visão de mundo, os homens passaram a, a partir de uma determinada leitura dos textos bíblicos, perpetuar a necessidade de silenciar as mulheres, aliená-las da fala. Contudo, Christine toma a palavra para negar essa concepção, buscando também através de exemplos bíblicos o reconhecimento da virtude feminina associada à fala

[...] Deus deu a palavras às mulheres e bendito seja ele por isso! [...] se a palavra de mulher fosse tão condenável e com tão pouca autoridade como dizem alguns, Nosso Senhor Jesus Cristo não teria nunca consentido que uma mulher fosse a primeira a anunciar o mistério tão glorioso de sua Ressurreição. Pois, ele mesmo mandou a bem-aventurada Madalena, a quem ele apareceu no primeiro dia de Páscoa, levar a notícia aos Apóstolos e a Pedro. Bendito e louvado sejas, Ó Deus, por além de infinitos dons e graças que fizestes e concedestes ao sexo feminino, terdes querido que uma mulher fosse a portadora de tão grande e digna notícia.⁵⁷

Neste enunciado, Christine de Pizan atribui à fala uma qualidade divina específica destinada às mulheres. Para sustentar essa perspectiva, a autora recorre à narrativa em que

⁵⁴ Entendemos que a misoginia na Idade Média é “[...] um modo de falar sobre as mulheres, o que é diferente de fazer algo a elas, embora o discurso possa ser uma forma de ação e mesmo de prática social[...]” ver: BLOCH, Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro: Editora. 34, 1995, p.24

⁵⁵ CHRISTINE DE PIZAN, op.cit., p.204

⁵⁶ BLOCH, Howard. op.cit. p.24

⁵⁷ CHRISTINE DE PIZAN, op.cit., p.88

Jesus reconhece a autoridade na fala de Maria Madalena, escolhendo-a, portanto, para comunicar o milagre da ressurreição. A escritora, enquanto mulher, emprega o mesmo *corpus* textual não apenas para refutar eventuais contestações, mas também para reconhecer e validar a virtude intrínseca da expressão verbal feminina.

Christine de Pizan extrapola as percepções negativas tradicionalmente associadas às mulheres, construindo um discurso alternativo que exalta as virtudes e contribuições femininas para a sociedade. Para construir essa visão de mundo alternativa, Christine incorpora em sua enunciação o discurso de outrem, nesse caso o de Jean de Meun. Tal prática corresponde ao que Bakhtin caracteriza como "enunciação sobre a enunciação", uma estratégia em que a autora incorpora em sua expressão verbal diversas vozes e perspectivas externas. Fenômeno que a filosofia da linguagem compreende como uma dialética de vozes, evidenciando uma interação dinâmica entre diferentes pontos de vista na construção do discurso.

Neste contexto, observamos que Christine de Pizan se apropria das palavras do opressor não apenas para expô-las, mas também para posteriormente desestabilizá-las, evidenciando assim a dinâmica intrínseca ao discurso. A atitude de Christine nos leva a compreender que a representação do gênero feminino no século XV não se restringia a uma concepção estática e uniforme. Apesar da presença de discursos que se entendiam dominantes, a análise de textos redigidos por mulheres durante a Idade Média revela contradições e desestabilizações nos discursos acerca da diferença sexual. A prática de Christine de Pizan de incorporar e subverter as palavras do opressor desafia a aparente homogeneidade desses discursos, contribuindo para a complexidade e pluralidade das representações de gênero na época.

1.2 As mulheres da família Pastons, a *gentry* e o gênero (1403-1484, Inglaterra)

As análises de Carolina Niedermeier Barreiro sobre o significado do gênero na Inglaterra do século XV, expostas em sua tese de doutorado, foram incorporadas a esta pesquisa com o propósito de aprofundar a compreensão de mulheres da época que negociaram diferentes situações a partir de performances generificadas. Em *Desestabilizando Gêneros: A Construção Fluída da Identidade de Gênero por Mulheres da Família Paston no Século XV (Inglaterra)*⁵⁸, a historiadora se dedicou a uma reflexão sobre a maneira como as mulheres

⁵⁸ BARREIRO, Carolina., op.cit.

negociaram diferentes performances de gênero como uma forma de agir no mundo⁵⁹. Nesse contexto, a historiadora buscou compreender como as categorias de “homem/mulher” eram concebidas, mobilizadas e até mesmo silenciadas pelas mulheres. Para atingir esse propósito, Barreiro conduziu uma análise das cartas produzidas pela família Paston, sobretudo as correspondências de Agnes e Margaret Paston, com o intuito de identificar dados reveladores relacionados à maternidade, ao matrimônio, ao cuidado doméstico, às redes de contato e às questões de propriedade⁶⁰. Buscando compreender como essas mulheres conseguiram exercer autoridade e legitimidade.

O século XV configurou-se como um período de significativa instabilidade política na Inglaterra, assemelhando-se ao cenário francês da época. Este período foi predominantemente marcado pela Guerra das Duas Rosas, a disputa política entre as casas da dinastia Plantageneta, notadamente as casas de York e Lancaster, pela posse do trono inglês. Barreiro, em seus estudos, ressalta que essa instabilidade política foi diretamente proporcional ao aumento dos ataques às propriedades. De acordo com a autora, a ausência de uma autoridade central para estabelecer a ordem desencadeou um conflito entre a nobreza, cujos membros desta classe social atacavam as terras uns dos outros como forma de afirmar poder⁶¹. Neste contexto, membros da família Paston, alinhados aos Lancaster, participaram ativamente desse conflito. Eventos relevantes para a Inglaterra nesse período incluíram a escassez econômica, a Guerra dos Cem Anos e a peste bubônica.

Diante desse quadro de instabilidade política e social, Carolina Barreiro salienta que as mulheres da família Paston desempenharam papéis que desafiavam as normas preconizadas pelos discursos hegemônicos da época. As experiências vivenciadas por essas mulheres destacam uma expressão da feminilidade flexível, caracterizada por uma autoridade que, em contextos distintos, não poderia ser plenamente realizada⁶². Essa dinâmica torna-se evidente ao analisarmos a trajetória de duas figuras femininas proeminentes: Agnes Paston (1403-1479) e Margaret Paston (1420-1484), ambas pertencentes à *gentry* inglesa.

A ascensão da família Paston está intrinsecamente associada à figura de William Paston, que alcançou a posição de juiz da *Justice of the Common Pleas* em 1429 e consolidou sua influência por meio do matrimônio com Agnes Paston. Dessa união, originaram-se cinco filhos, incluindo John Paston (1421-1466), detentor das terras paternas por herança, além de outras propriedades provenientes do casamento com Margaret Paston.

⁵⁹ Idem., p.14.

⁶⁰ Idem., p.42

⁶¹ Idem., p.106

⁶² Idem., p.97

Para questionar as ideias de binarismo de gênero e compreender a construção de um espectro fluido e diversificado de gênero elaborado pelas mulheres da família Paston, Carolina Barreiro empreendeu uma análise do conjunto documental denominado *The Paston Letters*, localizado na *British Library*⁶³. Em sua investigação, Barreiro concentrou-se nas correspondências de Agnes, Elisabeth e Margaret Paston, todas redigidas em inglês médio. De maneira abrangente, essas cartas evidenciam uma sólida ligação estabelecida entre as mulheres Paston e as questões relacionadas à propriedade⁶⁴. Ao examinarmos essas correspondências, torna-se evidente o papel desempenhado por essas mulheres na intervenção e mediação de conflitos vinculados à questão da propriedade, visando assegurar seus interesses.

Agnes e Margaret Paston viveram em um ambiente em que a formação intelectual era valorizada, especialmente no que diz respeito aos homens. Ambas, como mulheres, receberam educação ministrada pelo capelão da família, desenvolvendo habilidades literárias, notadamente no âmbito da língua vernacular. Dessa forma, adquiriram o conhecimento mínimo necessário para gerir as propriedades na ausência de seus esposos⁶⁵. Entretanto, como os homens da família foram grandes estudiosos do direito, as mulheres, por meio da mediação masculina, tiveram acesso a ferramentas jurídicas que posteriormente se revelaram cruciais no contexto das disputas territoriais características do período⁶⁶.

Ao abordarmos a significação do feminino, uma consideração relevante ao analisar as vivências das mulheres Paston é a experiência da viuvez. No estudo da viuvez de Agnes Paston, Carolina Barreiro argumenta que essa condição conferiu a ela um nível ampliado de autoridade em comparação com seu estado matrimonial⁶⁷, apontando para uma dimensão distinta da feminilidade.

Ao longo da análise das cartas produzidas pela família Paston, Barreiro observou que a maternidade emergiu como um tema recorrente nas enunciações⁶⁸. Se por um lado, a paternidade girava em torno das noções da autoridade e disciplinamento; a maternidade estava relacionada ao cuidado e à nutrição. Ao incorporar as considerações elaboradas por Caroline Bynum⁶⁹, Barreiro destacou a primazia do papel social sobre as diferenças biológicas na

⁶³ Idem., p.31

⁶⁴ Idem., p.15

⁶⁵ Idem., p.27

⁶⁶ Idem., p.15

⁶⁷ Idem., p.97

⁶⁸ Idem., 130

⁶⁹ BYNUM, Caroline. *Jesus as Mother: studies in the spirituality of the High Middle Ages*. Berkeley: University of California Press, 1984.

determinação da posição de pai e mãe⁷⁰. Dessa forma, ser mãe ou pai configurava-se como uma função independente do corpo biológico. Em uma carta datada de 4 de fevereiro de 1445, Agnes Paston expressa sua preocupação em relação aos estudos de seu filho Edmond I, aconselhando-o a dedicar-se ao aprendizado da lei. Para Barreiro, essa correspondência sugere uma posição híbrida, ao desempenhar uma função materna de cuidado simultaneamente cumprindo a função paterna de disciplinamento⁷¹. Através dessa análise, é possível refletir sobre como os papéis de gênero estavam entrelaçados a performances específicas, gerando uma concepção flexível em relação ao que compreendemos como feminilidade e masculinidade.

Ainda que em espaços geográficos distintos, Christine de Pizan e as mulheres da família Paston engendram uma ressignificação do feminino. Em comum, tanto Christine de Pizan quanto Agnes Paston performaram uma manifestação alternativa da feminilidade após se tornarem viúvas. Christine emergiu como uma escritora profissional, assumindo a subsistência de sua família, enquanto Agnes desempenhou o papel de mediadora em conflitos relacionados à propriedade. Esta reflexão ganha relevância à luz da observação de Amy Livingstone de que a viuvez representa, para algumas mulheres medievais, a primeira oportunidade de exercer poder em seu próprio nome. Esse fenômeno conduz a uma interpretação alternativa do feminino⁷².

Não obstante, a maneira como as mulheres analisadas neste capítulo tiveram acesso ao letramento e erudição proporciona uma compreensão alternativa das relações de gênero. Ao considerarmos a importância da mediação masculina na família para que Christine de Pizan tivesse acesso à arte da caligrafia e para que Agnes dominasse as leis, apontamos para relações entre os gêneros que transcendem a simples dicotomia submissão feminina e a misoginia masculina. Assim, embora representem segmentos específicos da sociedade medieval, com uma circulando na aristocracia parisiense e as outras pertencentes à *gentry*, estas mulheres construíram discursos que evidenciam sua autoridade e influência, merecendo consideração na narrativa da História das Relações de Gênero na Idade Média

Dessa forma, ao efetuarmos uma análise das experiências e discursos de Christine de Pizan e das mulheres pertencentes à família Paston, torna-se possível identificar uma tendência interpretativa do gênero distinta daquela sugerida por Prudence Allen. Ao invés de nos confrontarmos com a visão tradicional do homem como referencial universal e do

⁷⁰ BARREIRO, op.cit., 2023, p.151

⁷¹ Idem., P.171

⁷² LIVINGSTONE, Amy. "Pour une révision du "mâle" Moyen Âge de Georges Duby (États-Unis)". *Clio*, [s. l.], n. 8, 1998. p.5

retrocesso do papel social das mulheres, deparamo-nos, por exemplo, com mulheres que desestabilizam as representações misóginas do feminino e assumiram autoridade na resolução de conflitos associados à questão da propriedade. Este fenômeno revela uma dinâmica complexa e multifacetada, na qual as mulheres não apenas desafiam estereótipos de gênero, mas também desempenham papéis ativos na esfera social.

2. Os símbolos culturalmente disponíveis do feminino e seus conceitos normativos

Joan Scott propõe uma abordagem integral do conceito de gênero, englobando quatro elementos interrelacionados. O primeiro refere-se aos símbolos culturalmente disponíveis, capazes de evocar representações simbólicas. De acordo com Scott:

O gênero implica em quatro elementos interrelacionados: em primeiro lugar, os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas (e com frequência contraditórias - Eva e Maria como símbolos da mulher, por exemplo, na tradição cristã ocidental)⁷³.

Portanto, para compreendermos como o gênero feminino foi significado, devemos nos atentar para como as representações simbólicas são evocadas.

O segundo refere-se aos conceitos normativos, que expressam a interpretação do significado desses símbolos. Para a autora

Os conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos, que tentam limitar e conter suas possibilidades metafóricas. Esses conceitos estão expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e tomam a forma típica de uma oposição binária fixa, que afirma de maneira categórica e inequívoca o significado do homem e da mulher, do masculino e do feminino⁷⁴.

Desse modo, buscamos entender, também, as possibilidades metafóricas que dão significados aos símbolos evocados.

Durante o período medieval, a condição feminina era uma preocupação central para teóricos e eclesiásticos. Na tentativa de defini-la, encontraram, nas doutrinas religiosas, dois exemplos contraditórios do feminino: Eva, responsável pela queda do Paraíso, teve sua culpa projetada em todas as mulheres, enquanto Maria, responsável pela redenção, tornou-se o símbolo da pureza e santidade feminina. A partir dessa perspectiva, analisaremos os dois elementos interrelacionados do gênero para compreender como os símbolos de Eva e Maria atribuíram significados ao feminino. De acordo com Joan Scott, tais posições normativas não emergem de um consenso social unânime⁷⁵. Assim, entenderemos os significados atribuídos aos símbolos em uma perspectiva histórica que transcende a noção de fixidez, buscando compreendê-los em um processo dialético.

2.1 Eva, a pecadora.

No século XII, os homens dos mosteiros, catedrais e igrejas dedicaram-se a aprofundar a compreensão do texto do Gênesis⁷⁶. Os eruditos da época encontraram na escritura uma

⁷³ SCOTT, Joan. op.cit., 1995, p.86

⁷⁴ Idem., p.86

⁷⁵ Idem, p.87

⁷⁶ PILOSU, Mario. *A mulher, a luxúria e a Igreja*. Lisboa Editorial Estampa, 1995, p.59.

justificativa para regular a sexualidade na sociedade. Nesse contexto, Eva, a mulher da escritura, representava a esposa e a dama que vivia no mundo secular⁷⁷. Em decorrência dos erros primordiais atribuídos a Eva, a feminilidade foi estigmatizada como associada à frivolidade, pecado, lascívia, engano e feitiçaria. Essa visão negativa da mulher foi usada para justificar a sua subordinação ao homem

No livro *A Mulher, a Luxúria e a Igreja na Idade Média*, Mario Pilosu analisou manuais para confesores para destacar as mudanças de atitude da Igreja diante da luxúria feminina⁷⁸. Ele propôs demonstrar como um discurso, ao ser moldado pela história, evolui e se ajusta às transformações ideológicas e sociais. De acordo com Pilosu, deve-se

[...] mostrar como um discurso, tomado a cargo pela história, evolui e se adapta às mutações ideológicas e sociais, resolvendo de vez em quando as contradições com as quais se depara sem cessar. Se esta concepção do pecado, tão injusta para a mulher, pode perpetuar-se através dos séculos não foi apenas porque permitia salvaguardar o poder dos homens (e entre estes o dos religiosos, celibatários por profissão), mas porque soube adaptar-se ao longo da história⁷⁹

Assim, Pilosu sugeriu que a perpetuação dessa concepção do pecado em relação à mulher não se deve apenas à preservação do poder masculino, mas também à capacidade desse discurso de se adaptar ao longo da história. Esse parece ser o caso acerca das interpretações do texto de Gênesis.

O texto bíblico sobre a Criação apresenta duas histórias distintas. Na primeira, conhecida como a versão Sacerdotal, postula-se a criação simultânea do homem e da mulher, na qual ambos foram designados comumente e eram indiferenciados em sua origem. A segunda narrativa, a Jeovista, sustenta que os sexos surgiram de maneira sequencial e hierárquica, com a criação do homem precedendo a da mulher⁸⁰. Durante a Idade Média, a última interpretação do Gênesis foi apropriada pelos prelados. Nesse contexto, a leitura bíblica foi moldada de acordo com as necessidades e objetivos da época, muitas vezes sendo instrumentalizada para justificar e regular a conduta das mulheres em relação à sexualidade.

A narrativa da Criação contribuiu para estabelecer uma hierarquia entre homens e mulheres. Segundo essa tradição, o homem foi criado à imagem de Deus, conferindo-lhe uma natureza divina, enquanto a mulher, derivada da costela do homem, possuía apenas uma semelhança divina. Argumentava-se que Eva não foi criada para mitigar a solidão de Adão, sugerindo que a companhia de outro homem seria mais apropriada do que uma relação

⁷⁷ DUBY, Georges, *Eva e os padres: as damas do século XII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.12

⁷⁸ PILOSU, Mario, *op.cit.*

⁷⁹ PILOSU, Mario, *op.cit.*, p.12

⁸⁰ BLOCH, Howard. *op.cit.*, p.31-32

conjugal⁸¹. A mulher foi criada, a partir dessa concepção, para que a humanidade crescesse e se multiplicasse. Portanto, a interpretação de Eva como auxiliar de Adão na procriação, de acordo com a narrativa Jeovista, contribuiu para a justificativa e consolidação do papel subordinado das mulheres na Idade Média.

Essa interpretação da Criação ganhou novos matizes e significados quando incorporada aos discursos femininos, desafiando e subvertendo as concepções tradicionalmente subordinadas às mulheres. Em um diálogo presente na obra *A Cidade das Damas*, a personagem Christine relata uma perspectiva misógina delineada no livro *Do Segredo das Mulheres*, atribuído a Aristóteles.

A narradora-personagem comenta uma passagem específica do livro, recordando que, entre outros argumentos, o autor postula que a debilidade e fragilidade do corpo que se desenvolve no ventre materno resulta na configuração de um corpo feminino. Nesse contexto, o autor enfatiza que até a Natureza, por assim dizer, sente vergonha de ter gerado uma obra tão imperfeita como o corpo feminino⁸².

Através de uma abordagem crítica, a Dama Razão contesta a interpretação de Aristóteles, valendo-se também da narrativa bíblica, para elaborar um discurso que contrapõe a concepção de inferioridade historicamente atribuída ao feminino. A dama exclama

Ah! Veja que loucura, doce amiga: é a cegueira insana que o levou a dizer tais coisas! Como a Natureza, que é dama de companhia de Deus, teria então mais poder de que seu mestre [...] E, quando foi da sua santa vontade criar Adão do limo da terra, na cidade de Damasco, ele o fez, levando-o então ao paraíso terrestre, que era e permanece o lugar mais digno nesse mundo de baixo. Nele, fez Adão adormecer e, com uma de suas costelas, formou o corpo da mulher, significando com isso que ela devia estar ao seu lado com uma companheira, e de maneira alguma aos seus pés como uma escrava, devendo amá-la como sua própria carne. Será que o Criador Soberano teria vergonha de criar e formar o corpo feminino e Natureza se envergonharia disso? [...] Mas há loucos que acreditam que quando eles escutam dizer que Deus fez a sua imagem, que se trata do corpo físico. Isso está errado, pois Deus ainda não havia tomado forma humana. Trata-se, ao contrário, da alma, a qual é a consciência sensata e durará eternamente à imagem de Deus⁸³.

Assim, a Dama reconstrói a narrativa bíblica, conferindo-lhe uma significação que extrapola a tradicional superioridade masculina. A criação de Eva a partir da costela de Adão é reinterpretada como símbolo de companheirismo entre homem e mulher, em oposição à noção de submissão feminina. Além disso, a concepção de que o homem foi criado à imagem de Deus é desmistificada, esclarecendo que essa imagem não se refere ao corpo físico do homem, mas à imagem da alma divina. Desafiando, portanto, enunciados misóginos que

⁸¹ DUBY, Georges., op.cit.

⁸² CHRISTINE DE PIZAN , op.cit., p.81-82

⁸³ Idem. p.82

propõem uma hierarquia entre os corpos masculino e feminino.

Não apenas o relato da Criação, mas também a noção do Pecado Original foram empregados como meios de atribuir significados ao feminino. De acordo com a perspectiva teológica, a dualidade da natureza humana era delineada entre a dimensão carnal e espiritual, representadas pelo corpo e alma, respectivamente. No interior da alma haveriam duas partes: uma componente animal, responsável pelo comando do corpo, e outra parte racional. No caso dos homens, a parte racional controlava a parte animal. Esta mesma constituição era atribuída às mulheres, com a diferença notável de que, para elas, a parte animal da alma era preponderante⁸⁴. Consequentemente, o homem era caracterizado como o ser dotado de racionalidade superior, enquanto a mulher era percebida como o ser dominado por impulsos e instintos.

As interpretações das passagens bíblicas referentes ao Pecado Original fundamentam-se na ideia da superioridade do homem sobre a representante do sexo feminino, que, segundo essa perspectiva, sucumbiu à sedução de Satã devido à sua fraqueza. No Gênesis, relata-se que Eva, ao sucumbir a seus impulsos, desobedeceu à ordem divina, revelando a fragilidade feminina diante das tentações carnis. Essa narrativa levou os teóricos a elaborarem enunciados associando o gênero feminino à luxúria. Parte dos discursos antifemininos elaborados por teólogos e moralistas medievais baseavam-se na concepção de que as mulheres poderiam levar os homens à condenação, assim como Eva, ao ceder aos seus instintos, levou a humanidade à Queda⁸⁵. Através do arquétipo de Eva, o feminino foi associado ao perigo, à fragilidade, à inconstância e à sensualidade. Sendo todos esses elementos um obstáculo para a retidão da humanidade.

No contexto dessas interpretações, conforme ressaltado por Mario Pilosu, a Igreja perpetuou um modelo cultural que enxergava na mulher um constante perigo, associando-a à impureza e considerando-a um agente de enfraquecimento da qualidade espiritual do homem⁸⁶. Dessa forma, os padres utilizavam as palavras e gestos de Eva, assim como a sentença que a condenou, para transferir a responsabilidade do pecado ao feminino, aliviando a carga sobre os homens e justificando, por conseguinte, a denúncia vigorosa dos defeitos atribuídos às mulheres⁸⁷. Ao construírem seus enunciados, os homens forjaram um mundo que visava justificar a subordinação das mulheres à tutela masculina. Essa fundamentação teológica não apenas influenciou a compreensão social da feminilidade, mas também

⁸⁴ DUBY, Georges., op.cit, p.48

⁸⁵ PILOSU, Mário. op.cit, p.60

⁸⁶ Ibid., p.176

⁸⁷ DUBY, Georges., op.cit., p.56

contribuiu para a legitimação e manutenção de estruturas de poder que colocavam as mulheres em uma posição subalterna.

O mesmo não pode ser afirmado em relação ao discurso presente na obra *A Cidade das Damas*. Por meio do discurso escrito, Christine de Pizan propõe um outro ponto de vista e, conseqüentemente, uma nova visão de mundo. No decorrer do diálogo acerca de Eva, a dama Razão argumenta:

[...] foi por intermédio da mulher que o homem pôde reinar junto a Deus. E, se alguém me disser que ele foi banido por uma mulher, por causa da dama Eva, responderei que, Graças a Maria, ele ganhou um grau muito mais alto do que aquele que havia perdido por causa de Eva. Pois, a humanidade não teria se unido à divindade se não fosse o pecado de Eva. Homens e mulheres devem louvar essa falta, através da qual uma honra tão grande lhes adveio, pois, quanto maior tenha sido o rebaixamento da natureza humana por uma criatura, mais alta foi sua elevação por outra criatura.⁸⁸

Neste segmento, Christine de Pizan desafia a tendência que circunda a significação do feminino. Mesmo reconhecendo a presença de uma visão de mundo que condena Eva pela queda da humanidade, a autora submete esse elemento de significado a uma reavaliação. A interação entre as interpretações de Eva propostas pelos eclesiásticos e Christine é compreendida à luz da dialética sugerida por Bakhtin, evidenciando uma interação dinâmica entre diferentes pontos de vista na construção do discurso de Christine de Pizan

Sob essa perspectiva, os novos elementos de significação não coexistem harmonicamente com os preexistentes; ao contrário, se engajam em um estado de confronto, sujeitando as interpretações anteriores a uma constante reavaliação⁸⁹. Esse processo resulta na emergência de uma nova compreensão de Eva e da queda, bem como em uma visão reformulada do feminino. Em *A Cidade das Damas*, Christine de Pizan não apenas desafia, mas reescreve as narrativas tradicionais, enriquecendo-as com camadas de significado que oferecem uma perspectiva mais diversificada e inclusiva sobre o papel das mulheres na sociedade e na história.

Alicerçada na defesa das mulheres, a significação atribuída por Christine de Pizan à Eva transcende a mera associação desse símbolo com o pecado. A autora reconhece a falta de Eva em relação ao Pecado Original. Contudo, argumenta que a humanidade deveria louvar a falta cometida por Eva. Essa perspectiva se fundamenta na concepção de que, paradoxalmente, por meio dessa transgressão, a humanidade foi agraciada com a salvação por intermédio de outra criatura, conquistando um grau de elevação superior ao que originalmente

⁸⁸ CHRISTINE DE PIZAN . op.cit., p.83

⁸⁹ BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, Valentin, op.cit, p.136

possuía no paraíso terrestre.

Portanto, a compreensão da interpretação do capítulo do Gênesis e dos conceitos normativos associados a Eva, tal como expressos por Christine apresenta-se como de primordial importância. Este entendimento proporciona acesso a uma significação alternativa que não apenas evita a condenação do feminino, mas efetivamente o enaltece. É relevante destacarmos que como proposto por Rachel Soihet os enunciados em defesa do feminino perpassam por uma reapropriação e um desvio dos instrumentos simbólicos que fundamentam a hegemonia masculina, contra seu próprio dominador⁹⁰. Assim, podemos entender como há a retomada do texto da Criação e do símbolo da Eva, ao mesmo tempo que os enunciados são ressignificados em prol de outros valores.

Sob uma perspectiva bakhtiniana, a comunicação de Christine de Pizan pode ser interpretada como um diálogo com diversas perspectivas e vozes sociais. Sobretudo, aquelas associadas aos homens presentes em mosteiros, catedrais e igrejas, visando subverter a significação que historicamente subalternizou o feminino. Esse diálogo proposto pela autora evidencia a complexidade e a diversidade de vozes que contribuem para a construção de significados em torno da figura de Eva e do papel das mulheres na sociedade medieval.

2.2 Maria, a redentora

Ao longo do século XII, o culto à Virgem Maria foi exaltado predominantemente por sua função maternal, resultando em uma reconfiguração das percepções acerca do papel da mulher nesse período histórico. Nesse contexto, emergiram textos morais na forma de sermões, tratados e poemas, redigidos em latim, visando proporcionar aos seus ouvintes uma edificação moral por meio da narrativa dos milagres marianos. Esse fenômeno não apenas ressaltou a devoção mariana, mas também desempenhou um papel significativo na construção de uma idealização do feminino, moldada pelos valores e crenças da época.

Através da emergência do culto mariano, houve a composição de biografias de mulheres, destacando especialmente o papel de mães e esposas⁹¹. Esses enunciados acerca de Maria tinham como objetivo propor modelos de conduta e moral às mulheres, ao mesmo tempo que condenavam seus vícios. Assim, reconhecida como a Mãe de Misericórdia, Maria emergiu como um dos arquétipos delineados pela Igreja Católica com o propósito de orientar o comportamento feminino.

⁹⁰ SOIHET, Rachel. História, mulheres, gênero: contribuições para um debate. In: AGUIAR, Neuma (Org.). *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 106

⁹¹ LEITE, Lucimara, op.cit., p.14

Nessa esfera mediadora, a posição singular de Maria se destaca, sendo sua figura intrinsecamente associada à redenção, à maternidade de Cristo e à virgindade. Sob esse símbolo, as mulheres foram alocadas a um papel social inerente à maternidade, e paralelamente, difundiram-se ideias que buscavam controlar a sexualidade feminina por meio do ideal da castidade. Maria, como exemplo de virtude e submissão, tornou-se um meio para normatizar a conduta feminina.

O símbolo de Maria quando associado ao conceito normativo da virgindade não apenas enaltecia a castidade física, mas convocava as mulheres medievais a transcenderem seus corpos. A virgindade, vista como um compromisso integral de pureza, representava um ideal moral. Essa prática contribuía para criar um padrão cultural que enfatizava a renúncia da carne como um meio para a redenção.

Ainda que os enunciados acerca de Maria fossem construídos de forma a servirem como símbolo de conduta às mulheres, era um modelo utópico. De acordo com Cláudia Brochado

Maria, cujo culto expandiu-se na baixa Idade Média, é apresentada por todos como símbolo de perfeição e como modelo de um feminino utópico, inexistente fora dos limites dessa representação. Acreditamos que essa imagem de mulher traça como nenhuma outra os limites intransponíveis do ideal feminino⁹².

Em sua observação Brochado sugere que, embora o discurso religioso tenha construído Maria como um padrão a ser seguido, esse modelo era, na prática, inatingível. Ele funcionava mais como uma representação simbólica do que como uma norma viável para a conduta feminina na sociedade medieval. Essa dicotomia entre o ideal e a realidade destaca a complexidade das representações culturais e religiosas que moldaram as percepções das mulheres nesse período histórico. Assim, pensadores medievais, ao enaltecer Maria como a mais sublime e perfeita entre todas as mulheres, um modelo exímio de feminilidade, criaram um modelo tão ótimo que se torna inigualável⁹³. De maneira geral, ao evocarem Maria como um símbolo do feminino, os homens a normatizavam de forma que transcendia a realidade prática das mulheres medievais.

Além disso, a normatização do feminino durante o período medieval possuía uma manifestação particular através de uma oposição binária, retratando as mulheres como

⁹² BROCHADO, Cláudia “A querelle des femmes”. *T.E.X.T.O.S DE H.I.S.T.Ó.R.I.A. Revista do Programa de Pós Graduação em História da UnB.*, [S.I], v.9, n.1-2, p.31-51, 2012, p.41. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27815>. Acesso em: setembro de 2023

⁹³ GONZÁLES, José María Salvador. *op.cit.*, p.15

"Esposas de Cristo" e como o "Portão do Diabo"⁹⁴. Em sua análise sobre a misoginia medieval, R. Howard Bloch sugere que os membros da Igreja Medieval estabeleceram a determinação de que as mulheres não poderiam ser simplesmente identificadas como Eva ou Maria; ao contrário, eram simultaneamente ambas. Para Bloch

A atitude Cristã simultaneamente bivalente torna o feminino tão abstrato que a mulher (não as mulheres) só pode ser concebida como uma ideia e não um ser humano [...] E assim, também surge a mulher como ambiguidade, paradoxo, enigma, a mulher como questão. [...] É, em última instância, a definição da mulher como sendo, nem o "Portão do Diabo" nem a "Esposa de Cristo", mas ambas as coisas ao mesmo tempo, nem sedutora, nem redentora, mas ambas, o que constitui um paradigma de sujeição tão constrangedor para a relação de poder entre os sexos⁹⁵.

Assim, a associação dos símbolos de Maria e Eva, tendeu a relegar as mulheres a um espaço ambíguo no período medieval. Contrapondo-se a essa tendência, a obra *A Cidade das Damas*, de Christine de Pizan, emergiu como uma narrativa que não só subvertia tal associação, mas também conferia uma ressignificação ao binômio composto por Eva e Maria.

Em sua obra, Christine de Pizan, ao invés de evocar a ambiguidade entre Eva e Maria, as associa, argumentando que a Queda instigada por Eva foi uma condição necessária para a posterior Redenção⁹⁶.

No terceiro livro da *A Cidade das Damas*, Justiça escolhe nossa Senhora, como a Rainha da cidade, conferindo-lhe o título de Imperatriz do gênero feminino⁹⁷. Justiça faz um chamado a todas as princesas, damas e mulheres de todas as classes que habitam a cidade, convocando-as a suplicar à Rainha dos Céus através do excerto

Ave Maria,. Todo o devoto do sexo feminino te suplica, pela graça e por piedade, que não recuses a habitar entre elas, como sua defensora, protetora, livrando-as de todos os ataques de inimigos do mundo; que elas possam beber até saciarem-se da tua fonte de virtude, abominando de qualquer vício e pecado⁹⁸.

Nessa invocação, Justiça enaltece Maria como portadora de virtudes como os homens da cristandade também faziam. Contudo, ao invés de apresentar Maria como um modelo intransponível, ao investi-la como Rainha, propõe-a como um exemplo para as habitantes da cidade, capaz de conduzi-las, na busca pela virtude. Dessa maneira, Maria se torna um símbolo acessível para a edificação moral feminina.

⁹⁴ BLOCH, Howard. op.cit, p.112; SCOTT, Joan op.cit., 1995 p. 86.

⁹⁵ BLOCH, Howard. op.cit, p.113

⁹⁶ CHRISTINE DE PIZAN . op.cit., p.83

⁹⁷ CHRISTINE DE PIZAN . op.cit., p.186

⁹⁸ CHRISTINE DE PIZAN , op.cit, p.295

Em conclusão, a análise de Eva e Maria como símbolos culturalmente disponíveis do feminino no contexto medieval revela um intrincado jogo de significados e normatizações que ecoaram ao longo do período medieval. Este capítulo procurou desvendar as diferentes camadas de significado atribuídas a esses arquétipos, ressaltando a presença de uma dialética nas vozes sociais que participaram desse processo. As vozes sociais, cada uma com sua perspectiva, participaram ativamente na moldagem das percepções sobre as mulheres, contribuindo para normatizações. Esses símbolos, entrelaçados com interpretações teológicas, foram cruciais na formulação de discursos que delinearam os papéis das mulheres na sociedade medieval. Por sua vez, quando apropriados por uma mulher, esses mesmos símbolos foram utilizados para defender um papel social ativo para as mulheres e orientar a busca pela virtude.

3. A Universidade medieval como uma instituição generificada

O objetivo deste capítulo está alinhado a proposta de Joan Scott acerca das relações de gênero

O desafio da nova pesquisa histórica consiste em fazer explodir uma noção de fixidez, em descobrir a natureza do debate ou da repressão que leva à aparência de uma permanência intemporal na representação binária do gênero. Esse tipo de análise deve incluir uma concepção de política bem como uma referência às instituições e à organização social - este é o terceiro aspecto das relações de gênero.⁹⁹

A partir deste excerto, empreendemos uma análise sobre a universidade como uma instituição generificada, avaliando seu impacto na construção de significados associados ao feminino¹⁰⁰. Além disso, investigamos a produção de enunciados acerca do feminino fora do espaço universitário que desafiam aqueles gerados dentro dessa instituição. Essa abordagem, baseada em uma perspectiva dinâmica e não estática do gênero, visa desvendar as nuances do debate relacionado aos significados do feminino.

Na primeira seção deste capítulo, elencamos informações sobre os espaços de produção do saber feminino e à trajetória de algumas mulheres escritoras. Na segunda parte, investigamos o surgimento da universidade medieval e os conhecimentos gerados nesse contexto, explorando seus impactos na constituição do significado atribuído ao feminino. Na terceira parte, consideramos os enunciados de Christine de Pizan, que destacam as contribuições intelectuais das mulheres. Este enfoque permite não apenas uma compreensão mais aprofundada da dinâmica entre os espaços de produção de conhecimento feminino e a emergência da universidade, mas também destaca a existência de uma significação do feminino alternativa àquela que foi proposta pelos homens de saber.

3.1 Os espaços femininos de produção de saber

Em *O Cotidiano da mulher no final da Idade Média*, Cláudia Opitz destaca o século XII como um período no qual a produção literária das mulheres atingiu um ápice. Tal fenômeno ocorreu, durante esse período, por conta do avanço da participação das mulheres em espaços de produção de saber, especialmente aquelas pertencentes às camadas sociais

⁹⁹ SCOTT, Joan., op.cit., p.17

¹⁰⁰ A análise da universidade medieval como uma instituição generificada é central neste capítulo embora reconheçamos que todas as instituições, medievais ou não, compartilham dessa característica. A escolha de focalizar na universidade se justifica por duas razões fundamentais: primeiro, a educação emerge como um tema central nos escritos de Pizan; e segundo, a universidade medieval representa uma das mais significativas contribuições do período medieval para a história intelectual e social.

mais elevadas. Assim, embora os espaços formais de produção de saber tenham sido predominantemente considerados como um domínio masculino, as mulheres tiveram acesso ao conhecimento¹⁰¹. Esse acesso se concretizava através de diversos meios, como a tutoria ou a participação em beguinários e mosteiros.

Para as mulheres que circulavam pelos espaços da aristocracia, a tutoria era um meio para a obtenção de acesso ao conhecimento. Esta prática de estudo envolvia uma modalidade na qual a aprendiz recebia instrução direta do tutor, adaptada às suas necessidades específicas. De maneira predominante, as jovens submetidas a esse método, eram instruídas nas competências da escrita e leitura, além de receberem orientações morais e religiosas. Por vezes, a instrução abrangia aspectos práticos de relevância social, incluindo aprofundamento em habilidades como a dança e a música¹⁰². Este enfoque educacional era crucial para moldar as mulheres aristocratas como detentoras de conhecimento e como participantes influentes da sociedade medieval.

Já delineamos a relevância do método de tutoria na educação de Christine de Pizan, destacando a influência decisiva desse sistema no desenvolvimento de suas habilidades como uma mulher escritora. Contudo, consideramos importante ressaltar que a experiência de Christine não foi singular, uma vez que outras mulheres escritoras francesas também foram educadas por meio desse processo.

Um exemplo relevante é Marie de France (1160–1215), uma escritora anglonormanda notória por sua proficiência na tradução de textos latinos para o francês médio da Normandia. A obra mais conhecida de Marie é o *Lai da Madressilva* no qual ela narra um encontro que ocorreu entre Tristão e Isolda através de uma perspectiva feminina¹⁰³. A mulher-escritora cresceu em um ambiente de bastante cultura, incentivada pelos rei Henrique II Plantageneta (1133-1189) e pela rainha Leonor da Aquitânia (1122 -1204)¹⁰⁴. Assim, a prática da tutoria, notadamente entre as mulheres aristocráticas, emerge como uma via crucial para a obtenção de conhecimento, não apenas nas competências literárias, mas também em aspectos práticos e sociais.

O século XIII se distinguiu pelo surgimento de diversas ordens e conventos destinados às mulheres¹⁰⁵. Mosteiros e beguinários constituíram os ambientes propícios nos quais as

¹⁰¹ OPTIZ, Claudia. *O Cotidiano da mulher no final da Idade Média*” in: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente: Volume 2 - A Idade Média*. Porto: Edições Afrontamento. 1998, p.354

¹⁰² Ibidem., p.80

¹⁰³ MACHADO, Ida. “Breve reflexões sobre o percurso de vida e a identidade de uma escritora francesa da Idade Média: estudo de caso.” in: *Glauks: Revista de Letras e Artes*, Viçosa, v.19, n.1, 2019 Disponível em: <https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/view/23> Acesso em: dezembro de 2023, p.22

¹⁰⁴ Ibidem, p.23

¹⁰⁵ OPTIZ, Claudia., op.cit., p.422

monjas e as beguinias encontraram expressão para suas vozes femininas por meio da produção literária de caráter espiritual. No ato da escrita, essas mulheres evidenciavam uma cultura literária notável, embasada em conhecimentos bíblicos e teológicos¹⁰⁶. Através de seus escritos, utilizavam desses conhecimentos para, através da língua vernacular, narrarem suas experiências espirituais.

No contexto do desenvolvimento intelectual e espiritual no século XIII, destaca-se a figura marcante de Beatriz de Nazaré (1200-1268), cujo percurso de formação promoveu uma significativa contribuição para a cultura e literatura da época. Nascida na Bélgica em uma família de elevada posição social, Beatriz recebeu suas primeiras instruções escolares de sua mãe e, relatos indicam que, aos cinco anos, já havia memorizado os textos do saltério¹⁰⁷. Após o falecimento de sua mãe, foi enviada aos sete anos de idade a um beguinário, onde estudou as Artes Liberais. Concluiu os estudos do *trivium* ao adentrar o mosteiro cisteriense de Florival. Além disso, aprendeu o ofício de copista no convento de Ramée¹⁰⁸.

No ano de 1925, a obra *Os sete modos de amor* foi atribuída à Beatriz de Nazaré. Ao longo desse texto, escrito em neerlandês médio, a autora empreende uma reflexão filosófica acerca das relações entre o humano e o sagrado. De acordo com Maria Simone Marinho, esse escrito evidencia o domínio de Beatriz sobre as questões literárias, a literatura cortês e os temas pertinentes ao movimento das beguinias¹⁰⁹. Dessa forma, a trajetória de Beatriz de Nazaré emerge como um testemunho da relevância dos conventos e beguinários enquanto instituições que possibilitaram às mulheres o acesso ao conhecimento.

Os exemplos de Christine de Pizan, Marie de France e Beatriz de Nazaré, testemunham a relevância dos conventos, beguinários e espaços aristocráticos como facilitadores para o acesso feminino ao conhecimento. Entendemos que o reconhecimento desses espaços como facilitadores para o desenvolvimento intelectual feminino destaca-se como uma consideração relevante no exame da história da educação feminina e das dinâmicas socioculturais que moldaram o ambiente de aprendizado para as mulheres ao longo do tempo.

¹⁰⁶ RÉGNIER-BOHLER, Danielle. “Vozes literárias, vozes místicas”. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente: Volume 2 - A Idade Média*. Porto: Edições Afrontamento. 1998, p.536

¹⁰⁷ NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. “Beatriz de Nazaré (1200-1268) e os *Sete Modos do Amor*” in: *Revista Graphos*. João Pessoa, v.19, n.13, 2017, Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/37751> Acesso em: dezembro de 2023 p.151

¹⁰⁸ Ibidem., p.151

¹⁰⁹ Ibidem., p.152

3.2 A universidade medieval: institucionalização e os saberes relacionados ao feminino

Na Europa mediterrânea, o século XIII foi acompanhado pelo surgimento de diversas universidades¹¹⁰. Nesse cenário intelectual, mestres e estudantes formaram as quatro faculdades, de teologia, de medicina e de direito e de artes¹¹¹.

As universidades surgiram como corporações de indivíduos dedicados ao estudo¹¹². De acordo com Jacques Le Goff, em *Os intelectuais na Idade Média*, essa organização foi relevante para a formação das universidades como uma instituição com interesses e privilégios¹¹³. O historiador afirma

O século XIII é o século das universidades porque é o das corporações. Em cada cidade, onde existe um ofício agrupando um número significativo de membros, estes se organizam para a defesa de seus interesses e a instauram em um monopólio a seu proveito.

Assim, ao se unirem em corporações, os mestres assumiram uma forma através da qual conquistaram direitos e privilégios¹¹⁴.

Em *Intellectual Culture in Medieval Paris*, Ian P. Wei disserta acerca da relação dos mestres e alunos com os poderes eclesiásticos e terrestres. Em 1200, o rei da França, Felipe Augusto, reconheceu a necessidade de tratar os estudantes e mestres da Universidade de Paris como uma corporação legal, conferindo-lhes um status institucional formal¹¹⁵. Posteriormente, em 1215, o papa também reconheceu os alunos e mestres de Paris como uma corporação legal, endossando-lhes privilégios e conferindo um estatuto legítimo à sua existência e atuação¹¹⁶. A Universidade de Paris chegou a ser reconhecida como a “a filha mais velha do rei da França”, Carlos V e a “primeira escola da Igreja”¹¹⁷. Desse modo, esses reconhecimentos oficiais por parte das autoridades seculares e eclesiásticas destacam a importância crescente da Universidade de Paris como uma instituição reconhecida e legitimada.

O apoio desses poderes à nova instituição não era desinteressado; os reis e os bispos se beneficiavam dos conhecimentos produzidos nessas instituições para formar as suas elites religiosas e administrativas¹¹⁸. Ao analisar o papado de Avignon entre 1342 e 1370, Jacques

¹¹⁰ WEI, Ian P. *Intellectual Culture in Medieval Paris: theologians and the University, c.1100-1330*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p.88

¹¹¹ Ibidem, p.47

¹¹² BONI, Luis Alberto De, “A Universidade Medieval - Saber e Poder”, in: OLIVEIRA, Terezinha(org), *Luzes sobre a Idade Média*, Maringá: Eduem, 2002, p.20

¹¹³ LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*, São Paulo: Editora Brasiliense, 1989, p.59

¹¹⁴ WEI, Ian P. op.cit., p.88

¹¹⁵ WEI, Ian P. op.cit. p. 111

¹¹⁶ Ibidem., p.95

¹¹⁷ LE GOFF, Jacques., op.cit., p.62

¹¹⁸ VERGER, Jacques, op.cit., p.92

Verger afirma que cerca de quarenta doutores e licenciados em direito dirigiam os organismos da Cúria, como a Chancelaria e a Câmara Apostólica¹¹⁹. Não obstante, a administração central do reino da França, como os conselhos do Parlamento e os mestres de contas, era composta por licenciados ou doutores em direito da Universidade de Paris¹²⁰. Assim, tanto a Igreja quanto o monarca recorriam às universidades como instituições capazes de formar servidores dotados das competências técnicas necessárias para servi-los.

A Universidade de Paris incluía três faculdades superiores - Teologia, Medicina e Direito- além da faculdade de Artes, que se destacava como a mais numerosa¹²¹. A Faculdade de Teologia desempenhava um papel proeminente, sendo reconhecida como a disciplina mestra que proporcionava uma visão abrangente sobre diversos campos do conhecimento. No contexto acadêmico da época, os teólogos eram reverenciados como especialistas altamente qualificados no que concerne aos comentários bíblicos e aos dogmas cristãos¹²². A Faculdade de Medicina, por sua vez, caracterizava-se por um conhecimento teórico fundamentado principalmente na filosofia natural de Aristóteles e na interpretação elaborada por Galeno¹²³. A faculdade de direito, especialmente a parisiense, dedicava-se primordialmente ao estudo do Direito Canônico, desempenhando um papel crucial na formação de juristas e estudiosos desta área específica¹²⁴. A Faculdade de Artes, a mais representativa, constituiu dois terços da Universidade de Paris. Nessa instituição, o ensino abrangia disciplinas como física, metafísica e moral, fundamentadas nos textos de Aristóteles e Averróis¹²⁵. Tais conhecimentos serviram como alicerce para as corporações de mestres e alunos, que posteriormente aplicariam esses saberes em seus ofícios.

Se os conhecimentos gerados no cerne das universidades serviam aos mestres, alunos, monarcas e eclesiástico, podemos afirmar que, em última análise, esses conhecimentos estavam a serviço dos homens. Em *Homens e saber na Idade Média*, Jacques Verger utiliza o termo “homens de saber” para explicar o público da universidade medieval, de acordo com o autor

O próprio termo ‘homens de saber’, que constitui o título da presente obra, já diz o suficiente. Os homens de que tratamos aqui se distinguem do restante da sociedade tanto pela posse de um certo tipo de cultura quanto por uma certa idéia acerca da noção mesma de cultura.¹²⁶

¹¹⁹ Ibidem., p.150

¹²⁰ Ibidem., p.159

¹²¹ LE GOFF, Jacques., op.cit., p.66

¹²² VERGER, Jacques, op.cit., p.48

¹²³ Ibidem., p.49

¹²⁴ WEI, Ian P. op.cit. p.112

¹²⁵ WEI, Ian P. op.cit, p. 113

¹²⁶ VERGER, Jacques, op.cit., p.22

Assim, Verger utilizou o termo "homens de saber" para designar um grupo de intelectuais que frequentava a universidade e tinha acesso a uma cultura específica. Esse grupo, dotado de valores culturais particulares, ligados a ofícios eclesiásticos e administrativos, era composto por homens.

Com base nessa compreensão, empenhamo-nos na análise da universidade como uma instituição que não apenas excluiu as mulheres dos espaços de conhecimento, mas também construiu discursos para justificar e sustentar essa posição. Portanto, uma instituição generificada.

Durante o século XI, existia, na Itália, a Escola Medica Salernitana. Nessa instituição, destacou-se a figura de Trótula de Ruggiero (1050-1097). Médica e professora da escola salernitana, Trotula produziu obras pioneiras sobre a saúde da mulher no campo do que hoje entendemos como ginecologia e obstetrícia¹²⁷. Essas áreas de conhecimento foram espaços nos quais a experiência feminina se destacou durante a Idade Média. Contudo, ao longo do século XIII, o surgimento das faculdades de medicina nas universidades medievais ocasionou o fechamento do exercício da medicina às mulheres¹²⁸. Isso pode ser observado na política do centro universitário de Paris, que foi pioneiro ao impedir por completo o exercício da medicina às mulheres¹²⁹.

Os membros das Universidades não só excluíram as mulheres dos espaços de produção de saber, mas também engendraram uma rede de conhecimentos responsáveis por significações pejorativas do feminino. Aqueles que compunham essa instituição foram responsáveis por, através do controle dos saberes e das práticas, provocar mudanças sociais através da produção de textos misóginos, sejam eles literários ou científicos¹³⁰. Os homens eruditos, principalmente aqueles ligados ao direito canônico e a teologia, discutiam aquilo que hoje entendemos por gênero¹³¹. Os mestres parisienses dedicavam-se, sobretudo, a entender a natureza do homem e da mulher.

Homens e mulheres eram entendidos através de um oposto binário: se os primeiros eram ativos, racionais e perfeitos; as mulheres eram passivas, emotivas e defeituosas¹³². A recepção de Aristóteles pelos universitários contribuiu para a compreensão de que as

¹²⁷ RANGEL, Viviane Holanda. *O declínio das possibilidades de autonomia e escrita femininas no final da Idade Média e a figura de Christine de Pizan*, Recife: ANPUH, 30º Simpósio Nacional de História, 2019, p.9

¹²⁸ OPITZ, Claudia., op.cit., p.398

¹²⁹ Ibidem., p.399

¹³⁰ BROCHADO, Cláudia. "A Querelle des femmes e a política sexual na Idade Média" in: *Revista de Estudos Celtas e Germânicos*, São Luís, v.19, n.2, 2019. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/2278> Acesso em: setembro de 2019, p.76

¹³¹ WEI, Ian P. op.cit., p.247

¹³² Ibidem., p.250

mulheres tinham capacidade racional inferiores às masculinas. Essa concepção foi utilizada para justificar a tutela masculina que considerava as mulheres incapazes de pensar de forma ordenada; portanto, deveriam ser governadas por homens¹³³. Não obstante, a teoria de Aristóteles, em *A Política*, de que a função de um membro da cidade deveria ser proporcional ao domínio da razão era utilizada de forma a segregar as mulheres das atividades deliberativas¹³⁴. Desse modo, os conhecimentos produzidos no seio das universidades serviam para a formação do arcabouço ideológico de subalternização feminina

As universidades medievais representaram um fechamento duplo para as mulheres. Primeiro, excluiu figuras femininas do espaço de produção de conhecimento. Por último, orquestrou um discurso responsável pela inferiorização do feminino. Por isso, propomos que a universidade medieval seja uma instituição generificada.

3.3. A Capacidade Intelectual das Mulheres na obra *A Cidade das Damas*

O texto escrito emergiu como a ferramenta por meio da qual Christine de Pizan incorporou sua visão de mundo ao debate acerca da condição das mulheres na sociedade francesa do século XV, engendrando uma significação alternativa do feminino. Em *A Cidade das Damas*, obra concebida para o público feminino, Christine atesta a capacidade racional inerente às mulheres e ressalta as contribuições dos conhecimentos femininos para a humanidade.

Em um trecho de *A Cidade das Damas*, Christine refuta a ideia de que a disparidade intelectual entre homens e mulheres seja inerente, sustentando que tal desigualdade tem raízes sociais, não naturais. A autora argumenta que

se fosse um hábito mandar as meninas à escola e de ensiná-las as ciências, como o fazem com os meninos, elas aprenderiam e compreenderiam as sutilezas de todas as artes e de todas as ciências tão perfeitamente quanto eles¹³⁵.

Dessa forma, para Christine, as mulheres tinham as mesmas capacidades intelectuais que os homens, essenciais para a compreensão das artes e ciências. A disparidade de saberes entre os gêneros concentrava-se no fato de que as mesmas não eram enviadas para instituições educacionais, como as escolas.

Ao assumir que as mulheres têm a mesma capacidade de assimilar e aprender que os homens, Christian direciona seu questionamento à Dama Razão, indagando: por que as

¹³³ BROCHADO, Cláudia., op.cit, 2019, p.74

¹³⁴ SCHMIDT, R. Ana. “Christine de Pizan contra os filósofos”. In: Schmidt, R. A., Secco, G. Zannuzi, I. (org.) *Vozes Femininas na Filosofia*, Editora da UFRGS: Porto Alegre, 2018., p.22

¹³⁵ CHRISTINE DE PIZAN , op.cit., p.126

mulheres demonstram menor conhecimento em relação aos homens? Pergunta a qual Razão responde

Sem dúvida, é por elas não experimentarem coisas diferentes, limitando-se as suas ocupações domésticas, ficando em casa, e não há nada mais estimulante para um ser dotado de inteligência do que uma experiência rica e variada.¹³⁶

A resposta da Dama enfatiza que tal discrepância se deve à falta de exposição das mulheres a experiências diversas. Portanto, é através desses argumentos que Christine de Pizan defende que o único impeditivo para que as mulheres não desenvolvam a intelectualidade plenamente é a forma através da qual a sociedade se organiza, alijando-as dos espaços de produção de conhecimento e restringindo-as à esfera doméstica.

Para fundamentar suas afirmações, Christine de Pizan, com o respaldo das Damas, disserta sobre mulheres que tiveram acesso ao conhecimento. Estas mulheres são convocadas como exemplares a fim de inspirar suas leitoras na busca pelo aprendizado. Ao mencionar a filha de Quinto Hortense, a autora destaca que as mulheres possuíam capacidades intelectuais equiparáveis às dos homens que frequentavam a faculdade de Artes. Dama Justiça, ao comentar sobre esse acontecimento, proclama:

Quinto Hortense, grande retórico romano e orador soberano. Ele tinha uma filha, de nome Hortência, que amava muito, pela sutileza de sua genialidade. Ensinou-a as Letras e em seguida a arte da retórica.¹³⁷

Nessa passagem, evidencia-se que Hortência, uma jovem do sexo feminino, ao ser estimulada por seu pai, absorveu conhecimentos nas Letras e aprofundou-os na arte da retórica, disciplina relacionada à faculdade de Artes. Isso atesta que, quando devidamente encorajada, uma mulher poderia desenvolver capacidades intelectuais equiparáveis às de um homem de saber.

As mulheres mencionadas em *A Cidade das Damas* não apenas se equiparavam aos homens que se dedicavam ao estudo das Artes, mas também se destacavam no âmbito do Direito. Isto pode ser evidenciado na passagem em que a Dama Justiça comenta sobre a trajetória de Novella.

Giovanni Andréa, o célebre legista que ensinava em Bolonha há mais o menos sessenta anos, não achava que era um mal dar educação às mulheres. Ele tinha uma filha bela e boa, chamada Novella, que ele tanto amava. Ensinou-lhe letras e direito, e quando algum contratempo o impedia de dar aulas aos seus estudantes, ele enviava sua filha para dar a aula magistral em seu lugar.

Através do exemplo de Novella, Christine de Pizan destaca a capacidade de uma

¹³⁶ CHRISTINE DE PIZAN, op.cit., p.126

¹³⁷ CHRISTINE DE PIZAN, op.cit., p.225

mulher em adquirir conhecimentos nas letras e no direito, e, ademais, em lecionar na Universidade de Bolonha. Ainda que não tenhamos provas de que esse fato se concretizou, o relevante para este estudo reside na compreensão do significado desse enunciado: a inserção da mulher em um ambiente de formal produção de conhecimento. Ao fazer isso no século XV, a autora utiliza esse discurso para mostrar às suas leitoras que elas tinham a capacidade de ocupar um espaço dentro da instituição que se desenvolveu no século XIII, a Universidade.

Neste capítulo, dedicado à reflexão de instituições relacionadas ao gênero, deparamo-nos com perspectivas que concebem a universidade como um *locus* de produção de conhecimento que marginalizou o papel feminino. Desde sua emergência no século XIII, a universidade revelou-se como um espaço de produção do saber que desconsiderava as contribuições femininas, quer fossem elas provenientes dos beguinários ou das escolas de medicina. Não obstante, enquanto instituição fundamentada na retomada dos preceitos aristotélicos, ela se valeu de discursos que questionavam a capacidade intelectual das mulheres, instrumentalizando tais argumentos para justificar subjugação do sexo feminino. A universidade medieval, em última instância, reforçou a representação da mulher como sujeito naturalmente dissociado do processo de produção de saber por considerá-las inferiores aos homens.

A obra *A Cidade das Damas* apresenta uma significação diametralmente oposta àquela proposta pelos homens de saber. Estes últimos, preocupados em construir justificativas para a subalternização das mulheres, encontraram no ambiente universitário um meio propício para articular tais argumentações. Já Christine de Pizan, concentrou-se em formular declarações que buscavam inspirar seu público feminino a se envolver com as questões relacionadas ao conhecimento. Através dos diálogos com as Damas, Christine significou o feminino como um gênero que, de fato, não compartilhava dos mesmos saberes que os homens. Contudo, essa diferenciação não era justificada por motivos biológicos, mas sim fundamentada em aspectos sociais.

Neste capítulo, destinado a compreender a significação do gênero feminino a partir da universidade medieval enquanto uma instituição influente, entendemos que havia dois discursos que constituíram o feminino. Revelando, desse modo, uma dialética de vozes e visões de mundo. De um lado, os homens de saber utilizaram o conhecimento universitário como instrumento para construir discursos que justificassem e perpetuassem a subalternização das mulheres. Por outro, Christine de Pizan produzia um discurso que ia de encontro com aquele proposto pelos universitários, ao identificar no acesso à educação um meio pelo qual as mulheres poderiam escapar do papel subalterno. Essa dialética revela não apenas a

contraposição de ideias, mas também a luta por legitimidade e a construção de significados em um contexto histórico marcado por diversas vozes e visões sobre o papel da mulher na sociedade medieval.

4. O *exemplum* medieval e as identidades generificadas

Este capítulo propõe uma análise da maneira como Christine de Pizan elabora identidades generificadas em sua obra *A Cidade das Damas*. No século XII, destaca-se a emergência dos *exempla*, narrativas curtas com o propósito de introduzir passagens que ilustravam comportamentos negativos, frequentemente empregadas por pregadores para alertar o público ouvinte¹³⁸. Estas exortações, quando direcionadas ao público feminino, não apenas se materializaram na forma de exemplos de conduta, mas também por meio de ameaças, estabelecendo uma correlação entre o feminino e o desvio.

Salientamos que esta tradição não se restringiu exclusivamente aos pregadores. Ao longo da Idade Média, figuras como Boccaccio (1313-1375), em *De mulieribus claris*, e Christine de Pizan manipularam essa tradição.

Com base nessa compreensão inicial, percebemos que, manipulados tanto por pregadores e literatos, quanto por mulheres escritoras, os *exempla* medievais desempenham um papel fundamental na compreensão de como as identidades generificadas eram construídas durante a Idade Média. Assim, podemos compreender o quarto e último aspecto do gênero proposto por Joan Scott. Para autora

O quarto aspecto do gênero é a identidade subjetiva [...] os homens e as mulheres reais não cumprem sempre, nem cumprem literalmente, os termos das prescrições de sua sociedade ou de nossas categorias analíticas. Os/as historiadores/as precisam, em vez disso, examinar as formas pelas quais as identidades generificadas são substantivamente construídas e relacionar seus achados com toda uma série de atividades, de organizações e representações sociais historicamente específicas.¹³⁹

Nesse contexto, analisaremos as identidades generificadas por meio dos *exempla*, considerando contexto histórico, as organizações e as representações sociais historicamente específicas.

Na primeira seção deste capítulo, apresentamos um panorama sobre os *exempla* medievais, discutindo suas características e objetivos através de trabalhos que dissertam sobre os sermões de Giovanni Dominici (1356-1419). Posteriormente, apresentamos a obra *De Claris Mulieribus* como um meio para reflexão acerca das identidades generificadas por meio dos *exempla*. Concluindo, procedemos à análise de duas identidades femininas delineadas por Christine de Pizan em sua obra. Essa análise permite não apenas uma compreensão mais profunda da interação entre os *exempla* medievais e a construção de identidades generificadas,

¹³⁸PILOSU, Mario, op.cit., p.21

¹³⁹SCOTT, Joan., op.cit, 1995, p.87-88

mas também evidencia a existência de significados alternativos àqueles produzidos pelos homens.

4.1 O *exempla* medieval: contexto, características e objetivos

O Quarto Concílio de Latrão de 1215 exerceu uma significativa influência na vida religiosa da cristandade. Ao instituir a obrigação da confissão e da comunhão anual, bem como ao estabelecer a necessidade de pregadores e confessores em cada bispado, o Concílio engendrou uma nova dinâmica na relação entre a Igreja e seus fiéis¹⁴⁰. Ao longo do século XII, ocorreram transformações sociais que demandaram uma abordagem persuasiva por parte da Igreja, visando orientar seus seguidores¹⁴¹. Assim, ao longo do século XIII, a Igreja se valeu do uso dos *exempla* narrativos em seus sermões como uma estratégia persuasiva eficaz para influenciar a comunidade cristã¹⁴².

Os *exempla* eram estratégias retóricas nas quais narrativas ou descrições eram habilmente empregadas com o intuito de persuadir o ouvinte.¹⁴³ Essa estratégia, predominantemente utilizada por pregadores ao longo do período medieval, visava direcionar os comportamentos dos ouvintes por meio das histórias narradas. Ao serem apresentados como exemplos concretos, os *exempla* desempenhavam um papel crucial na transmissão de valores e na influência sobre a conduta da audiência, destacando-se como uma técnica retórica relevante na comunicação persuasiva medieval.

Assim, a partir de diversas fontes, como fábulas, textos sagrados, literatura hagiográfica e crônicas, os pregadores criavam narrativas que tinham por objetivo gerar um modelo de comportamento para os fiéis¹⁴⁴. Nos *exempla* medievais, o foco não estava no personagem, mas na narrativa¹⁴⁵. Essa, através de um caso particular, criava uma regra através da generalização que deveria orientar a conduta da cristandade. Em última análise, a narrativa exemplar servia como um instrumento para destacar as virtudes que deveriam ser buscadas pelas fiéis.

As características distintivas dos *exempla* podem ser delineadas por meio de sete atributos: univocidade, brevidade, autenticidade, verossimilhança, prazer, metáfora e

¹⁴⁰ LOUIS, Nicolas. *L'exemplum en pratique: Production, diffusion et usages des recueils d'exempla latins aux XIIIe-XVe siècles*. 2013. 664 f. Tese (Doutorado em História e Civilizações - Université de Namur, Namur, 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/acrh/5600?lang=en> Acesso em: Janeiro de 2023 p. 69

¹⁴¹ LEITE, Lucimara, op.cit., p.40

¹⁴² Ibid., p.40

¹⁴³ LOUIS, Nicolas, op. cit., p.10

¹⁴⁴ Ibid., p.32

¹⁴⁵ LEITE, Lucimara, op.cit., p.46

memorização¹⁴⁶. Essa configuração específica, em grande medida, está atrelada ao seu público-alvo. A narrativa exemplar se destinava primordialmente à audiência comum, buscando, assim, evangelizar aqueles menos instruídos. Essa técnica, ao adotar tais características, promovia uma efetiva transmissão de ensinamentos morais e religiosos, adaptando-se à compreensão e às necessidades do público-alvo¹⁴⁷.

No século XIII, os pregadores do sexo masculino, mobilizaram a técnica do *exempla* com o propósito de orientar as mulheres¹⁴⁸. As exortações dirigidas ao público feminino eram categorizadas, sendo destinados sermões distintos para diferentes casos particulares. Por exemplo, mulheres de condição social mais baixa nas aldeias eram frequentemente associadas ao pecado carnal, sendo-lhes direcionados *exempla* com o intuito de orientá-las a se afastarem de tais práticas¹⁴⁹. Assim, ao longo do período medieval, a técnica do *exempla* revelou-se especialmente eficaz na persuasão e orientação da conduta de um público específico: o feminino.

De acordo com Nirit Debby trajetória e os sermões de Giovanni Dominici evidenciam a interação entre os pregadores e as fiéis¹⁵⁰. Nascido em 1356 em Florença, Dominici ingressou na comunidade Dominicana de Santa Maria de Novel aos dezessete anos.¹⁵¹ O frade dominicano, em seus sermões, direcionava-se predominantemente às mulheres. No contexto de declínio populacional, ocorrido em 1427 devido à Peste Bubônica, Giovanni Dominici elaborava narrativas que endossavam o matrimônio como uma instituição capaz de revitalizar a população¹⁵². Desta forma, através de narrativas exemplares, Dominici buscava exercer controle sobre a esfera privada de seu público feminino, valendo-se de sua autoridade tradicional.

Nesse contexto, Giovanni Dominici (1356-1419) elaborava sermões que atribuíam igual valor tanto à vida ativa quanto à vida contemplativa para as mulheres. Destaca-se, nesse âmbito, um de seus sermões no qual emprega o *exempla* de Marta e Maria Madalena¹⁵³. Na narrativa, Marta questiona a escolha de Maria Madalena ao optar pela vida contemplativa em vez da ativa, ao que Jesus responde que uma deveria servir aos seus pés e outra se ocupar na cozinha. Este episódio é utilizado por Dominici para conduzir as mulheres a perceberem a

¹⁴⁶ Ibid., p.42

¹⁴⁷ LOUIS, Nicolas, op. cit., p.70

¹⁴⁸ DEBBY, Nirit Ben-Aryeh, *The Preacher as Women's Mentor*. in: MUESSIG, Carolyn. Preacher, Sermon and Audience in The Middle Ages. Leiden: Brill, 2002, p.229

¹⁴⁹ PILOSU, Mario, op.cit., p.123

¹⁵⁰ DEBBY, Nirit Ben-Aryeh, op.cit., p.231

¹⁵¹ DEBBY, Nirit Ben-Aryeh, op.cit., p.232

¹⁵² Ibid., p.240.

¹⁵³ Ibid., p.241

equidade de valores entre a vida ativa e contemplativa. Esse enfoque se dá em um contexto no qual as mulheres deveriam desempenhar papéis na vida ativa, contribuindo assim para o desenvolvimento da região que havia sido afetada pela peste.

Dessa maneira, os pregadores, valendo-se de sua autoridade tradicional, empregavam os *exempla* de modo a construir um discurso monológico, que, conforme Bakhtin, é caracterizado pela imposição autoritária de uma única voz, restringindo, assim, a diversidade de vozes e perspectivas¹⁵⁴. Este formato monológico, por conseguinte, implicava na imposição de uma visão normativa sobre a conduta feminina, visando a controlar e orientar suas vidas.

4.2 Giovanni Boccaccio e o *De mulieribus claris*

Nesta seção do capítulo, discutimos a obra *De mulieribus claris* de Giovanni Boccaccio, explorando sua pertinência não apenas em virtude das características compartilhadas com *A Cidade das Damas*, mas também em razão da notável influência exercida por Giovanni Boccaccio (1313-1375) na produção literária de Christine de Pizan. Este exame se propõe a contextualizar a intertextualidade entre as duas obras mencionadas, destacando não apenas afinidades temáticas, mas também as influências específicas que se manifestam na escrita de Christine de Pizan. Demonstrando, desse modo, a significativa contribuição de Boccaccio para o desenvolvimento da tradição literária da autora.

O primeiro contato de Christine com a obra de Giovanni Boccaccio ocorre principalmente através de suas frequentes visitas à Biblioteca Real¹⁵⁵. Após esse encontro inicial, a autora cria novas interpretações, adaptando-as, criticando-as, mas sobretudo, dialogando com a obra de Giovanni Boccaccio. A influência deste autor é expressamente afirmada por Christine ao longo de sua obra, publicada em 1405, particularmente em uma passagem que aborda a figura da Virgem Aracne.

É verdade que alguns autores, especialmente o poeta Boccaccio, de onde essas histórias foram tiradas, diziam que o mundo era melhor quando se vivia de glandes e outras frutas selvagens, e se vestia com peles de animais, ignorando todas essas técnicas que nos permitem viver mais confortavelmente.¹⁵⁶

Neste contexto, a autora destaca que algumas histórias presentes em sua obra foram extraídas de autores notáveis, como Boccaccio. Este reconhecimento explícito consolida a influência do poeta italiano na abordagem literária de Christine.

Nascido em Florença entre junho e julho de 1313, Giovanni Boccaccio foi criado em uma família associada às práticas comerciais. Sua formação intelectual foi marcada pelo

¹⁵⁴ BARROS, Diana. op.cit. p.5

¹⁵⁵ DEPLAGNE, Luciana Calado. op.cit., 2023, p.39

¹⁵⁶ CHRISTINE DE PIZAN, op.cit., p.148

engajamento nos estudos das artes e da literatura, sendo notável sua presença frequente na biblioteca napolitana, onde absorveu considerável influência de Dante Alighieri em suas composições¹⁵⁷. O autor destacou-se particularmente por meio de suas obras literárias, com destaque para o *Decamerão*, que aborda de maneira significativa o impacto da peste em Florença, e *De mulieribus claris*.

A composição do trabalho *De mulieribus claris* ocorreu no período entre 1331 e 1362, sendo submetida a revisões até o falecimento de Giovanni Boccaccio em 1375. Esta obra, redigida em latim, foi dedicada à Andrea, condessa de Altavilla, e apresenta as biografias de cento e seis mulheres, abrangendo figuras da mitologia antiga, da Bíblia, bem como da história antiga e contemporânea do autor.¹⁵⁸ A primeira mulher biografada é Eva e a última Joana, rainha de Jerusalém e da Sicília (1343-1382).

Ao longo das cento e seis biografias, o autor reúne as mulheres que considerava influentes, seja positivamente ou negativamente. No caso das mulheres virtuosas, Boccaccio destaca suas virtudes específicas, enquanto, em relação àquelas que cometeram faltas, o autor as reprova.

Através desses excertos, Boccaccio buscava moldar o comportamento feminino, tanto enaltecendo exemplos positivos quanto censurando comportamentos considerados inadequados. Escrita originalmente em latim, a obra destinava-se a leitores do sexo masculino, aos quais incumbia a responsabilidade de, por meio das narrativas apresentadas, orientar adequadamente o comportamento das mulheres¹⁵⁹. Este enfoque revela não apenas as atitudes valorativas do autor em relação às mulheres, mas também sua perspectiva sobre a influência e responsabilidade masculina na tutela da conduta feminina.

Em sua dissertação *A exemplaridade nas representações do feminino no final da Idade Média - o exemplo do Decamerão e do De mulieribus claris de Boccaccio (Florença - século XIV)* a historiadora Ana Carolina Lima Almeida faz um levantamento acerca das biografias construídas por Boccaccio. De acordo com a autora, das cento e seis biografadas, setenta e quatro são tidas como virtuosas pelo autor, dezessete como mulheres que possuíam vícios e quatorze como mulheres que possuíam ao mesmo tempo virtudes e vícios¹⁶⁰. As virtudes exaltadas pelo florentino estavam associadas à domesticidade, castidade, obediência, lealdade

¹⁵⁷ ALMEIDA, Ana Carolina Lima. *A exemplaridade nas representações do feminino no final da Idade Média - o exemplo do Decamerão e do De mulieribus claris de Boccaccio (Florença - século XIV)*. 2009. 233 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/22016> Acesso em: janeiro de 2024, p.108

¹⁵⁸ Ibid., p.167

¹⁵⁹ Ibid., p.162

¹⁶⁰ Ibid., p.169

ao marido e maternidade¹⁶¹. Ao passo que os vícios mais criticados pelo autor eram a crueldade, a luxúria, a soberba e a ira¹⁶². Desse modo, mesmo ao associar a identidade feminina em atributos considerados positivos, Boccaccio a submete à tutela masculina, exemplificada pela concepção de obediência como uma virtude.

Ademais, Ana Carolina Almeida vincula a escrita de Boccaccio à tradição dos *exempla* medievais. Ao analisar as características fundamentais dos *exempla*, tais como o caráter narrativo, a brevidade, a autenticidade, a inserção em um discurso mais amplo, a relação do locutor com o público, a persuasão pedagógica e a finalidade pedagógica voltada para a salvação, a autora destaca que a única característica ausente na obra é a vinculação direta à forma de um sermão. Essa conclusão da historiadora é relevante na medida em que nos permite entender o *De mulieribus claris* como uma obra com finalidade persuasiva, semelhante ao *exempla*.

Isto pode ser evidenciado na biografia de Camilla, rainha dos volscos. Ao longo da narrativa, o autor destaca a recusa da rainha aos pedidos de casamento de príncipes, destacando tal atitude como uma estratégia para preservar sua virgindade. De acordo com Ana Carolina Almeida

Boccaccio afirma que gostaria que as moças de sua época seguissem o exemplo de Camilla, que freava os desejos lascivos, recusava os prazeres e a luxúria das bebidas e comidas elaboradas, rejeitava até conversas com jovens de sua idade. As moças deviam aprender com Camilla a forma de se comportar na igreja, em casa, onde se encontravam os juizes mais severos da conduta. Elas deviam também se manter quietas, ouvir apenas pessoas honoráveis, ter gestos modestos, boas maneiras e evitar a preguiça, o excesso de luxo, dançar e flertar com os jovens.

Desta maneira, Boccaccio exalta a virtude da virgindade personificada por Camilla, buscando moldar a identidade feminina ao persuadi-las a conter seus desejos lascivos e rejeitar prazeres e luxúrias.

Em síntese, ao explorar as virtudes e vícios femininos na obra *De mulieribus claris* de Giovanni Boccaccio, é possível evidenciar a construção de uma identidade subjetiva para as mulheres na Florença do século XIV. A categorização das mulheres em virtuosas, viciosas ou possuidoras de ambas as características revela não apenas os padrões valorativos do autor, mas também sua perspectiva sobre o papel e comportamento femininos. Boccaccio, valendo-se da tradição dos *exempla*, utiliza narrativas persuasivas para moldar as mulheres, delineando normas de conduta associadas à domesticidade, castidade e obediência, enquanto repreende comportamentos considerados inadequados.

¹⁶¹ Ibid., p.213-214

¹⁶² Ibid., p.221

4.3 Christine de Pizan e as habitantes da *Cidade das Damas*

Nesta seção do capítulo, analisamos a aplicação da técnica dos *exempla* por Christine de Pizan em sua obra *A Cidade das Damas*, com o intuito de compreender como uma mulher escritora se inseriu nessa tradição literária. Observamos que, após sua exposição a obras literárias como as de Boccaccio, Christine incorpora-se a essa tradição, embora não de maneira totalmente conformista¹⁶³. Entendemos que a autora, ao fazer uso do *exempla* propõe representações sociais historicamente específicas do feminino alternativas.

A explicação da apropriação da técnica dos *exempla* por Christine de Pizan, à luz da ideia de Bakhtin, pode ser compreendida por meio do conceito de dialogismo¹⁶⁴. Em vez de aceitar passivamente a imposição autoritária dos pregadores, ela estabelece um diálogo com essas narrativas, reinterpretando-as, contestando ou até mesmo contradizendo as mensagens normativas nelas contidas. Ao utilizar os *exempla* de maneira a desafiar, subverter e enriquecer as narrativas, ela contribui para a construção de um discurso mais diversificado e inclusivo em relação à composição da identidade feminina na Idade Média.

Se, por um lado, os *exempla* aparecem nas biografias do *De mulieribus claris* de Boccaccio, em *A Cidade das Damas* eles aparecem na forma de uma metáfora: as habitantes que povoam a cidade. A passagem em que Dama Retidão convida Christine a povoar a cidade revela quais *exempla* femininos estão incorporados no livro.

Agora chegou a hora de começar a povoar essa nobre Cidade, para que ela não fique abandonada, como uma vida morta. Ela será no contrário: habitada de mulheres de grande mérito, porque não queremos outras.¹⁶⁵

As residentes desta cidade são, portanto, mulheres de notável mérito, delineando claramente a exclusão das demais mulheres.

Dessa forma, ao longo de mais de 150 relatos sobre a vida das mulheres, Christine de Pizan elabora seu próprio catálogo de mulheres ilustres¹⁶⁶. Dentro desse rol, emergem figuras femininas notáveis, incluindo aquelas que ofereceram contribuições significativas nos campos científicos e artísticos, bem como aquelas que desempenharam papéis destacados como figuras sagradas, governantes, filhas, esposas e mães.

Entendemos que essas biografias tinham duas funções. A primeira, inerente aos propósitos dos *exempla*, consistia em se configurar como um modelo de conduta a ser seguido

¹⁶³ DEPLAGNE, Luciana Calado. op.cit., 2023, p.69

¹⁶⁴ BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, Valentin., op.cit., p.98

¹⁶⁵ CHRISTINE DE PIZAN. op.cit., p.185

¹⁶⁶ SCHMIDT, Ana Rieger. “Christine de Pizan”, in *Blog de Ciência da Univerisade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia*, 2021, disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/cristina-de-pizan/>, Acesso em: janeiro de 2024

por suas leitoras. A segunda, consonante com a tradição literária da autora, visava oferecer uma resposta à concepção masculina de que as mulheres eram imorais, desprovidas de virtudes e incapazes de exercer a razão.

Para compreendermos como a identidade feminina foi generificada e construída por Christine de Pizan, dedicamo-nos à análise de dois *exempla*: Semíramis, uma figura mitológica da antiguidade pagã e Catarina de Alexandria, uma santa virgem. A escolha dessas biografias foi deliberada, pois acreditamos que elas exemplificam de maneira abrangente a diversidade de mulheres e virtudes presentes na obra da autora.

Em *A Cidade das Damas* Christine de Pizan convoca a rainha Semíramis como uma habitante de sua cidade e um exemplo a ser seguido por suas leitoras. A rainha assíria é evocada com o propósito de evidenciar a demonstração de força e coragem e capacidade feminina para realizar feitos¹⁶⁷. Ao longo da biografia de Semíramis, Christine aponta virtudes relacionadas, sobretudo, às suas habilidades como guerreira e rainha

Christine de Pizan relata que Semíramis foi esposa do rei Nino, um grande conquistador. Semíramis, uma guerreira experiente, lutou ao lado do marido em muitas batalhas, contribuindo significativamente para suas conquistas¹⁶⁸. Contudo, em uma dessas batalhas, Nino foi morto por uma flechada. Após o falecimento do rei, o governo efetivo recaiu sobre a rainha. Ao longo do *exempla* Christine ressalta as virtudes do reinado de Semíramis, como pode ser evidenciado em:

[...] reinou com mais firmeza ainda o seu reino, que compreendia suas terras e as do marido, tanto aquelas fruto da herança, como as que haviam sido conquistadas através da espada. E tudo aquilo ela soube brilhantemente conservar e com a grande disciplina da ordem de cavalaria. Desse modo, ela realizou tantas obras e tão notáveis que nenhum homem a superou em força e vigor.¹⁶⁹

Neste trecho, Christine destaca que, após a morte de seu marido, o reinado de Semíramis se destacou pelo sucesso na administração territorial, evidenciando a competência feminina na gestão de terras. Não se restringindo à administração de suas propriedades hereditárias, Semíramis também é associada à conquista de outros territórios. Na conclusão do enunciado, a autora retrata Semíramis como um modelo inatingível de força e vigor, superando até mesmo seus contemporâneos masculinos. Ao fazê-lo, delineia a identidade feminina associada à força, desafiando as convenções da época em que a virtude da força era tradicionalmente considerada como atributo masculino.

Ao longo do *exempla* sobre Semíramis, Christine destaca a presença de discursos

¹⁶⁷ CHRISTINE DE PIZAN, op.cit., p.98

¹⁶⁸ Ibid., p.99

¹⁶⁹ Ibid., p.99

críticos em relação à rainha. Em:

É bem verdade que muitos a criticam - e com todo direito, se ela tivesse vivido sob nossas leis - pelo fato dela ter se casado com o filho que ela havia tido com Nino [...] apesar de ser um pecado muito grande, essa dama não tem que se desculpar, pois ainda não havia lei escrita na época¹⁷⁰.

Nesse enunciado, a escritora evidencia a existência de outras perspectivas que atribuem significados negativos a Semíramis, especialmente em relação à sua relação incestuosa. Contudo, Christine persiste na sua significação positiva da rainha, apresentando a justificativa de que não havia uma lei escrita na época, como um argumento consistente para contextualizar e relativizar a moralidade da ação incestuosa de Semíramis.

Dessa forma, ao evocar o mito pagão de Semíramis, Christine de Pizan elabora um *exempla* que destaca a bravura, a força e o vigor como virtudes associadas ao feminino. Por meio dessas narrativas, Christine busca conduzir suas leitoras a uma concepção de identidade feminina distante das expectativas tradicionalmente impostas pelos homens. Simultaneamente, ela contesta a ideia masculina de que as virtudes femininas estavam relacionadas a fatores como à virgindade, obediência e maternidade.

Santa Catarina de Alexandria é evocada por Christine de Pizan em *A Cidade das Damas* como um exemplo de aprovação divina ao sexo feminino, conferindo força e constância às mulheres consideradas doces e frágeis.¹⁷¹ As lendas de Santa Catarina contam que a virgem nasceu em Alexandria, filha do rei Costa de Alexandria. Conta-se que a princesa foi convertida ao cristianismo pelo eremita, Adrian, que havia viajado para Alexandria para encontrar Catarina a pedido da Virgem Maria¹⁷². A narrativa do martírio da santa, conforme apresentada pela autora, tem início a partir do contato da virgem com o Imperador Maxêncio. Como pode ser evidenciado em:

Certa vez, o imperador Maxêncio chegou à cidade de Alexandria. Era um dia de grande festa religiosa, e havia sido preparada uma imponente cerimônia para o sacrifício solene. Catarina estava em seu palácio e ouviu o barulho dos animais que estavam sendo preparados para serem sacrificados, assim como o som dos instrumentos musicais. Ela, então, mandou perguntar de que se tratava e ficou sabendo que o imperador já estava no templo para realizar o sacrifício. De súbito, ela correu até o imperador e começou a reprová-lo com vários argumentos. Como grande sábia e conhecedora da ciência, conseguiu provar, por raciocínios filosóficos, que só existia um único Deus. [...] Quando o imperador ouviu aquela virgem bela, nobre e de grande autoridade, falando, ficou bem surpreso e não sabia o que dizer, mas continuou olhando-a intensamente¹⁷³.

Nessa passagem, ao descrever o encontro de Catarina com o imperador Maxêncio,

¹⁷⁰ Ibid., p.101

¹⁷¹ CHRISTINE DE PIZAN, op.cit., p.297

¹⁷² JENKINS, Jacqueline; LEWIS, Katherine J. *St. Katherine of Alexandria: Texts and Context in Western Medieval Europe*. Turnhout: Brepols, 2003

¹⁷³ CHRISTINE DE PIZAN, op.cit., p.297

Christine revela diversas virtudes femininas e, assim, generifica a identidade feminina.

Conforme destacado pela autora, Catarina era descrita como sábia, virgem, bela, nobre e detentora de grande autoridade. Na sociedade medieval, a virgindade era venerada como uma das virtudes femininas mais respeitáveis¹⁷⁴. A beleza, nesse contexto, simbolizava um sinônimo de ter sido tocada pela mão de Deus¹⁷⁵. A nobreza, por sua vez, fazia referência aos códigos morais e de conduta refinados. Todas essas três virtudes examinadas constituíam o conjunto de qualidades que, segundo as figuras masculinas da época, uma mulher medieval deveria possuir.

A ruptura de Christine com o discurso masculino é evidenciada pela construção de um *exempla* que instiga suas leitoras a buscar a sabedoria e autoridade, atributos que historicamente não eram associados ao feminino. Em sua abordagem, ela desafia as normas culturais ao redefinir virtudes, antes exclusivamente atribuídas ao universo masculino, como elementos intrínsecos ao potencial feminino. Ao encorajar as mulheres a buscar a sabedoria e autoridade, contribui significativamente para a ampliação do espaço das mulheres na sociedade, destacando a importância da autonomia intelectual e da liderança feminina.

Entendemos que o *exemplum* de Santa Catarina elaborado por Christine de Pizan é bastante rico para essa análise, na medida em que não representa uma total conformidade, nem mesmo uma ruptura completa, com os discursos de gênero vigentes na época. Ao associar as mulheres a virtudes tradicionalmente valorizadas, como a virgindade, a beleza e a nobreza, Christine reitera o discurso hegemônico da sociedade medieval. No entanto, ao escolher uma Santa Virgem que é lembrada não apenas por suas qualidades femininas convencionais, mas também por sua sabedoria e perspicácia, Christine conduz as mulheres leitoras a um papel menos comum para a época. Isso demonstra uma abordagem mais complexa e matizada em relação à identidade do gênero feminino.

Neste capítulo, realizamos uma análise sobre o papel dos *exempla* medievais no auxílio à compreensão da identidade subjetiva, o quarto componente do gênero proposto por Joan Scott. Ao examinarmos as representações socialmente específicas do feminino presentes nessas narrativas, deparamo-nos com uma dialética na construção do significado atribuído à identidade feminina. Quando essas narrativas eram mobilizadas por homens da Igreja, o intuito era destacar as virtudes femininas como meio de controlar e guiar a conduta do público feminino, resultando em uma identidade feminina estritamente limitada. Por outro lado, ao

¹⁷⁴ HENRY, Lindsey K. *Saint Catherine of Alexandria: Understanding an Ancient Saint through Medieval Popular Thought*, 2014, p.4

¹⁷⁵ HENRY, Lindsey K., op.cit., p.6

incorporar essa tradição de escrita, Christine de Pizan enfatiza um espectro mais abrangente de virtudes femininas, delineando uma compreensão alternativa do gênero feminino. Dessa maneira, orientava suas leitoras em direção a uma representação mais fluida e ativa da identidade feminina.

Considerações finais

Neste estudo, empreendemos uma análise das dinâmicas de gênero na França do século XV. Isto, a partir da análise dos significados atribuídos ao feminino que foram articulados por Christine de Pizan em sua obra *A Cidade das Damas*. O propósito desta pesquisa inseriu-se em um contexto mais amplo dos estudos de gênero, cuja premissa reside na compreensão analítica e flexível desta categoria.

Para tanto, fizemos escolhas teórico-metodológicas que nos possibilitaram perceber a flexibilidade e a construção fluída do feminino. A definição de gênero proposta por Joan Scott, nesse sentido, contribuiu para a compreensão de que a definição de feminino não pode ser considerada estática, mas perpassada por dinâmicas de imaginação, regulação e transgressão. Por sua vez, as considerações de Bakhtin e os estudos acerca da filosofia da linguagem foram importantes na medida em que possibilitaram analisar os discursos acerca do feminino nesse espaço de resposta, refutação e objeção.

Ao fazermos essa escolha, nos deparamos com a possibilidade de não só pensar Christine de Pizan como uma mulher que escreveu na Idade Média, mas também que, através de seus escritos, participou ativamente nos debates intelectuais acerca do feminino. Portanto, quando ao longo dos capítulos nos dedicamos a analisar as representações simbólicas do feminino, seus conceitos normativos, as concepções políticas e as identidades generificadas, fizemos isso comparando a produção da mulher-escritora com a de clérigos, filósofos, poetas e moralistas. Assim, compreendemos que Christine de Pizan significou o feminino através de um diálogo com as enunciações masculinas.

As bibliografias que lemos para a execução deste trabalho foram unânimes ao dizer que a condição feminina foi uma preocupação de teóricos e eclesiásticos e que esses, através de seus discursos construíram uma justificativa para a subalternização das mulheres.

Por sua vez, a historiografia construiu uma associação direta entre essas fontes produzidas por esses homens e a realidade do período medieval. Entendemos, portanto, que tradicionalmente, a História Medieval foi escrita considerando esses enunciados produzidos com o objetivo de controlar e subalternizar as mulheres.

Ao associar a mulher ao símbolo de Eva, o homem conferiu à representação feminina uma conotação de perigo, subjugando-a nesse processo. O símbolo de Maria, por sua vez, foi empregado para justificar a feminilidade como uma categoria intrinsecamente ligada à maternidade, ao cuidado e à virgindade. Observava-se, assim, um empenho nas narrativas masculinas para legitimar a subordinação do feminino.

Através da análise de *A Cidade das Damas*, evidenciamos que a visão da ordem social elaborada por homens não era unânime. Para desafiar essa ordem, Christine se apropria dos enunciados masculinos ao mesmo tempo que os transgride. Ao citar Eva e Maria como símbolos que normatizam o feminino, a autora se apropria desses elementos, propondo leituras positivas e amplas. Consciente de textos, como os de Aristóteles, que associavam Eva à necessidade de subordinação, Christine evoca a Criação como uma metáfora para simbolizar o companheirismo entre homem e mulher.

Os significados associados ao feminino foram aprofundados mediante a análise de instituições que foram submetidas à perspectiva de gênero. A reflexão conduziu-nos à conclusão de que a universidade medieval se enquadrava como uma instituição generificada, uma categorização fundamentada em dois fatores distintos. Primeiramente, ao se constituir como um espaço de produção intelectual, a universidade medieval segregava as mulheres, alijando-as desse espaço. Adicionalmente, a universidade medieval desempenhou um papel significativo na construção de discurso que justificaram a subjugação das mulheres. É crucial ressaltarmos que ambos esses motivos convergiram para a consolidação de uma compreensão generalizada, instrumentalizada pelos homens, de que a mulher medieval estava intrinsecamente dissociada da esfera da produção de conhecimento.

A proposta de Christine de Pizan representa uma ruptura com a concepção tradicional da mulher na Idade Média. Nos diálogos com as Damas, ela redefiniu o feminino como um gênero que não compartilhava os mesmos saberes que os homens. Contudo, notamos que essa diferenciação, segundo Christine, não se justificava por motivos biológicos, mas sim estava enraizada em aspectos sociais. Dessa forma, a autora desafiou as noções estereotipadas e discriminatórias que relegavam as mulheres a uma posição inferior na esfera intelectual. A abordagem de Christine de Pizan oferece, assim, uma visão diferenciada, destacando a influência social nas disparidades entre os gêneros e promovendo a ideia de que as mulheres eram plenamente capazes de participar na produção e compartilhamento de conhecimento. Através desta abordagem, comprovamos que o gênero não é uma categoria estática, mas sujeita a uma dinâmica de imaginação e transgressão.

Ainda, ao nos dedicarmos à análise de representações sociais historicamente específicas que poderiam contribuir para a compreensão do gênero feminino, deparamo-nos mais uma vez com a predominância do discurso masculino. Tanto clérigos, exemplificados por Giovanni Dominici, quanto literatos, como Giovanni Boccaccio, ao abordarem os *exempla* femininos, compartilhavam uma visão de mundo comum. Suas declarações refletiam a mesma perspectiva que advogava pela necessidade de orientar as mulheres em direção à

domesticidade, associando-as aos valores de castidade e obediência. Essa uniformidade de perspectivas entre clérigos e literatos ressalta a influência persistente de uma narrativa masculina que moldou e restringiu a compreensão do papel das mulheres na sociedade da época.

Compreendemos que Christine de Pizan se inseriu nesse diálogo ao empregar a estratégia do exempla. No entanto, sua abordagem foi disruptiva, transcendendo aquela produzida pelos homens da época. Em seus enunciados, Christine retoma os discursos masculinos, mas os desafia. Ao fazê-lo, seus enunciados emergem como exemplares de dialética em relação às representações historicamente específicas do gênero feminino. A retomada dos discursos tradicionais não implica concordância por parte de Christine. Pelo contrário, ela os utiliza como ponto de partida para uma posterior transgressão.

A autora não adere integralmente aos valores e virtudes associados ao feminino, propondo, ao invés disso, a valorização da força, vigor e disciplina. Isso é exemplificado através da representação de Semíramis, desafiando as convenções estabelecidas e oferecendo uma perspectiva mais ampla e empoderadora do papel das mulheres na sociedade medieval. Essa abordagem de Christine de Pizan contribui de forma notável para a diversificação e enriquecimento do diálogo sobre as representações femininas na Idade Média.

Ao longo dessas análises, torna-se possível afirmar que os discursos masculinos medievais examinados neste trabalho, movidos pelo objetivo de dominação, tendiam a ocultar outras vozes e diálogos, percebendo-os como uma ameaça à possibilidade de transgressão e ruptura. Eles se caracterizavam por uma falta de dialogismo, conforme observado a partir dos conceitos de Bakhtin, que enfatiza a importância do diálogo e da interação de vozes distintas na construção do discurso. Por outro lado, a obra de Christine de Pizan, *A Cidade das Damas*, emerge como um testemunho de abordagens diversas nos significados atribuídos ao longo da Idade Média. Diferentemente dos discursos masculinos, Christine de Pizan não construía uma narrativa com a intenção de propor uma verdade absoluta. Sua abordagem era marcada por um discurso contestador, que buscava romper com as convenções estabelecidas e propor significados alternativos do feminino, demonstrando um maior dialogismo em sua escrita.

Entendemos, portanto, que durante um extenso período, os estudos sobre as mulheres na Idade Média foram amplamente moldados considerando os discursos masculinos predominantes. Contudo, reconhecer o gênero como uma categoria instável e dinâmica requer a inclusão de uma variedade de fontes, especialmente aquelas produzidas por mulheres. É somente através do resgate e da análise dessas obras que podemos vislumbrar a dialética envolvida na construção do gênero feminino na sociedade medieval. Esta abordagem expande

significativamente o escopo da investigação, proporcionando uma compreensão mais abrangente e sofisticada das experiências e representações das mulheres nesse contexto histórico. Além disso, pretendemos que o trabalho seja um estímulo à reflexão sobre o fato de que, ao longo de um extenso período, a historiografia medieval frequentemente se alinhou com os discursos dominantes que subjugaram a Idade Média. Essa observação ressalta a importância de considerar a inclusão de obras de autoria feminina como um recurso fundamental para a superação dessa tradição historiográfica, permitindo uma narrativa mais equilibrada e abrangente do período medieval.

Referências

- ALMEIDA, Ana Carolina Lima. *A exemplaridade nas representações do feminino no final da Idade Média - o exemplo do Decamerão e do De mulieribus claris de Boccaccio* (Florença - século XIV). 2009. 233 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/22016> Acesso em: janeiro de 2024
- ARAÚJO, P. C. A dialética e o acabamento estético no dialogismo de Bakhtin. *Revista Húmus*, [S. l.], v. 10, n. 30, 2020. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/14260>. Acesso em: 3 fev. 2024.
- BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BARREIRO, Carolina. *Desestabilizando gêneros: a construção fluida da identidade de gênero por mulheres da família Paston no século XV (Inglaterra)*. 2023. 326 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/265368?show=full> Acesso em: novembro de 2023
- BARREIRO, Carolina. *Just Because I am a woman...: possibilidades de autoria para mulheres escritoras (Século XIV)*. 2019. 175 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/197084> Acesso em: junho de 2023
- BARROS, Diana. “Dialogismo, polifonia e enunciação”, in: BARROS, Diana, FIORIN, José (orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo, Edusp, 1999.
- BLOCH, Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro: Editora. 34, 1995
- BONI, Luis Alberto De, “A Universidade Medieval - Saber e Poder”, in: OLIVEIRA, Terezinha(org), *Luzes sobre a Idade Média*, Maringá: Eduem, 2002.
- BROCHADO, Cláudia “A querelle des femmes” *T.E.X.T.O.S DE H.I.S.T.Ó.R.I.A. Revista do Programa de Pós Graduação em História da UnB.*, [S.I], v.9, n.1-2, p.31-51, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27815>. Acesso em: setembro de 2023
- BROCHADO, Cláudia. “A Querelle des femmes e a política sexual na Idade Média” in: *Revista de Estudos Celtas e Germânicos*, São Luís, v.19, n.2, 2019. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/2278> Acesso em: setembro de 2019
- BYNUM, Caroline. *Jesus as Mother: studies in the spirituality of the High Middle Ages*. Berkeley: University of California Press, 1984.

CHANCE, Jane. *The literary subversions of medieval women*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2007.

DEBBY, Nirit Ben-Aryeh, *The Preacher as Women's Mentor*. in: MUESSIG, Carolyn. *Preacher, Sermon and Audience in The Middle Ages*. Leiden: Brill, 2002

DEPLAGNE, Luciana Calado. “Querelle des Femmes: Mapeamento em Português”, in *Blog de Ciência da Univerisade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, 2021*, disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/querelle-des-femmesmapeamento-em-portugues>, Acesso em outubro de 2023

DEPLAGNE, Luciane Calado. “A contribuição dos escritos de mulheres medievais para um pensar decolonial sobre a Idade Média”, in *Revista Signum*, Belo Horizonte, v.20, n.2, 2019. Disponível em: <http://www.abrem.org.br/revistas/index.php/signum/article/view/503/425> Acesso em: novembro de 2023

DEPLAGNE, Luciane Calado “Vozes femininas da Idade Média: Auto-representação, corpo e relações de gênero”. In: *Fazendo Gênero*, 8, Anais, Florianópolis. 2008. Disponível em: https://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST70/Luciana_Calado_Deplagne_70.pdf Acesso em: dezembro de 2023

DUBY, Georges, *As damas do século XII*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

DUBY, Georges, *Eva e os padres: as damas do século XII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

FRAZÃO DA SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. “Considerações sobre o uso da categoria gênero nos estudos sobre o medievo”, *Signum*, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 11–23, 2020. Disponível em: <http://www.abrem.org.br/revistas/index.php/signum/article/view/497> . Acesso em: dezembro de 2023

FRAZÃO DA SILVA, Andréia Cristina Lopes. Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de História Medieval no Brasil (1990-2003). *Caderno Espaço Feminino*. Uberlândia, v. 11. n. 14, p. 1-20, 2004. Disponível em: http://portalfeminista.org.br/artigo.phtml?obj_id=2216&ctx_cod=5.3 Acesso em: novembro de 2023

FRAZÃO DA SILVA, Andreia Cristina. Reflexões metodológicas sobre a análise do discurso em perspectiva histórica: paternidade, maternidade, santidade e gênero. *Cronos: Revista de História*, Pedro Leopoldo, n. 6, 194-223, 2002.

GARRETAS, María-Milagros. *La diferencia sexual en la historia*. Valência: Publicacions de la Universitat de Valência, 2005.

GONZÁLES, José María Salvador. “Benedicta in mulieribus: La Virgen María como paradigma de la mujer en la tradición patristica y su posible reflejo en la pintura gótica española”. in: *Mirabilia Journal of Antiquity, Middle & Modern Ages*. Santa Bárbara, n.17, 2013. Disponível em: <https://raco.cat/index.php/Mirabilia/article/view/274614> Acesso em: outubro de 2023

GREENE, Virginie. “Le débat sur le Roman de la Rose comme document d’histoire littéraire et morale” *Cahiers de recherches médiévales et humanistes*, n. 14, 2007. Disponível em: <https://journals.openedition.org/crm/2586?file=1> Acesso em: outubro de 2023

HENRY, Lindsey K. *Saint Catherine of Alexandria: Understanding an Ancient Saint through Medieval Popular Thought*, 2014

JENKINS, Jacqueline; LEWIS, Katherine J. *St. Katherine of Alexandria: Texts and Context in Western Medieval Europe*. Turnhout: Brepols, 2003.

LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*, São Paulo: Editora Brasiliense, 1989

LETT, Didier. Women victims of sexual assault and rape: evidence from the criminal records of Bologna (fourteenth-fifteenth centuries). *Clio, Women, Gender and History*. n.52, pp.45-70, 2020. Disponível em: <https://www.cairn-int.info/journal-clio-women-gender-history-2020-2-page-43.html>. Acesso em: novembro de 2023

LEITE, Lucimara. *Christine de Pizan: uma resistência*. São Paulo: Chiado Books. 2018

LIVINGSTONE, Amy. “Pour une révision du “mâle” Moyen Âge de Georges Duby (États-Unis)”. *Clio*, [s. l.], n. 8, 1998. pp.1-13 Disponível em: <https://journals.openedition.org/clio/318> Acesso em: setembro de 2023

LOUIS, Nicolas. *L'exemplum en pratique: Production, diffusion et usages des recueils d'exempla latins aux XIIIe-XVe siècles*. 2013. 664 f. Tese (Doutorado em História e Civilizações - Université de Namur, Namur, 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/acrh/5600?lang=en> Acesso em: Janeiro de 2023

MACEDO, José Rivair. *A Mulher na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 1992

MACHADO, Ida. “Breve reflexões sobre o percurso de vida e a identidade de uma escritora francesa da Idade Média: estudo de caso.” in: *Glauks: Revista de Letras e Artes*, Viçosa, v.19, n.1, 2019 Disponível em: <https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/view/23> Acesso em: dezembro de 2023

MOTLEY, Mark. *Becoming a French Aristocrat: The Education of the court Nobility 1580-1715*. New Jersey: Princeton University Press, 1990.

NICHOLSON, Linda. “Interpretando o gênero”. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, 2000 [1999], vol. 8, n. 2. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917> Acesso em: setembro de 2023

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. “Beatriz de Nazaré (1200-1268) e os *Sete Modos do Amor*” in: *Revista Graphos*. João Pessoa, v.19, n.13, 2017, Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/37751> Acesso em: dezembro de 2023

OPTIZ, Cláudia. *O Cotidiano da mulher no final da Idade Média*” in: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente: Volume 2 - A Idade Média*. Porto: Edições Afrontamento. 1998

OUY, Gilbert; RENO, Christine; VILLELA-PETIT, Inès. *Album Christine de Pizan*. Turnhout: Brepols, 2012

PELIKAN, Jaroslav, *Mary Through the Centuries: Her Place in the History of Culture*, New Haven: Yale University Press, 1998

PILOSU, Mario. *A mulher, a luxúria e a Igreja*. Lisboa Editorial Estampa, 1995,

PRUDENCE, ALLEN. *The concept of women: The aristotelian revolution 750 B.C. - A.D. 1250* Montreal: Eden Press, 1985.

RANGEL, Viviane Holanda. *O declínio das possibilidades de autonomia e escrita femininas no final da Idade Média e a figura de Christine de Pizan*, Recife: ANPUH, 30º Simpósio Nacional de História, 2019

RÉGNIER-BOHLER, Danielle. “Vozes literárias, vozes místicas”. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente: Volume 2 - A Idade Média*. Porto: Edições Afrontamento. 1998

ROQUE, Maria Isabel da Rocha. “Santa Maria Mãe de Deus”: invocação, representação, exposição”. In AMARAL, Luís Carlos; MARQUES. Maria Alegria Fernandes (orgs.). *Devoções e Sensibilidades Marianas: da memória de Cister ao Portugal de hoje*. XIII Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões, Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões, 2018, pp. 101-134.

SANTOS, Dulce. O. Amarantes dos. *Imagens de mulheres nos reinos ibéricos de Leão, Castela e Portugal (1250-1350)*. in: Encontro internacional de Estudos Medievais. *Atas...* São Paulo: USP-UNICAMP-UNESP, 1995, p.157-160

SCHMIDT, Ana Rieger. “Christine de Pizan”, in *Blog de Ciência da Univerisade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, 2021*, disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/cristina-de-pizan/>, Acesso em: janeiro de 2024

SCHMIDT, Ana Rieger. “Christine de Pizan e o humanismo francês: elementos para contextualização histórica” in: *Dois Pontos*, Curitiba, v. 18, n.1, 2021 Disponível em> <https://revistas.ufpr.br/doispontos/article/view/71979> Acesso em: setembro de 2023

SCHMIDT, R. Ana. “Christine de Pizan contra os filósofos”. In: Schmidt, R. A., Secco, G. Zannuzi, I. (org.) *Vozes Femininas na Filosofia*, Editora da UFRGS: Porto Alegre, 2018.

SCHMIDT, Ana Rieger. Algumas chaves de leitura para a Cidade das Damas de Christine de Pizan. In: XVIII Semana Acadêmica do PPG em Filosofia da PUCRS, 2018, Porto Alegre. XVIII Semana Acadêmica do PPG em Filosofia da PUCRS. Porto Alegre: Editora Fi, 2018

SCOTT, Joan. “Gênero: ainda é uma categoria útil?”. Albuquerque: *Revista de história*, v. 13, n. 26, p. 177-186, 28 dez. 2021 Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/download/14704/9901/> Acesso em: junho de 2023

SCOTT, Joan. Os usos e abusos do gênero. *Projeto História : Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*, 45, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/15018> Acesso em: junho de 2023

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf Acesso em: junho de 2023

SOIHET, Rachel. História, mulheres, gênero: contribuições para um debate. In: AGUIAR, Neuma (Org.). *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p.95-114 Disponível em: https://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1416/aguiaer_neuma_genero_e_ciencias_hu_manas.pdf Acesso em: Agosto de 2023

STRONK, JAN P. *Semiramis’ Legacy: The History of Persia According to Diodorus of Sicily*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2017

TORACK, María Luisa Durán y Casahonda. “La ironía feminista de Christine de Pisan: algunos fragmentos de *Le Livre du Duc es Vrais Amants* (1404)” in: *Revista de Estudios de Artes*, Cidade do México, v.4, n.8, 2015. Disponível em: <https://nierika.iberomx.com/index.php/nierika/article/view/475>. Acesso em: outubro de 2023

TRUSCHNEGG, Brigitte “Semiramis: Perception and presentation of female power in an Oriental Garb” in: CARNEY, Elizabeth D.; MÜLLER, Sabine. *The Routledge Companion to Women and Monarchy in the Ancient Mediterranean World*. London: Routledge, 2020, pp.479-490

VERGER, Jacques, *Homens e Saber na Idade Média*. Bauru: Edusc, 1999

WEI, Ian P. *Intellectual Culture in Medieval Paris: theologians and the University, c.1100-1330*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012

WEMPLE, Suzanne. “As mulheres do século V ao século X” in: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente: Volume 2 - A Idade Média*. Porto: Edições Afrontamento. 1998

WILLARD, Charity. *Christine de Pizan: her life and works*. New York: Persea Books, 1984.